

Da Mihi Animas
REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

dma

2017
ANO LXIII - Trimestral

03

A profecia da ternura



dma

REVISTA DAS
FILHAS DE MARIA
AUXILIADORA

NÚMERO 01 . 2017

Ano LXIII
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma

www.rivistadma.org
na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma

tel. +39 06872741
fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,
Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,
Anna Rita Cristaino, Emilia Di
Massimo, Dora Eyleinstein, Palma
Lionetti, Anna Mariani, Maria
Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,
Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha
Séide, Giuseppina Teruggi, Maria
Grazia Caputo, Caterina Cangia,
Mariano Diotto, Paolo Ondarza,
Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,
Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edição Extracomercial

La revista **dma** é realizada sobre carta
ecológica certificada FSC, constituída de
pura celulose e.c.f. e por um elevado
conteúdo de fibras de recuperação (pelo
menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

Associativa USPI

Unione Stampa
periodica italiana

SUMÁRIO

EDITORIAL 03

A Paz é o caminho
Paz e ternura

04

Cultura ecológica
Agir para o clima

05

Fio de Ariadne

Palavras, gestos,
comportamentos

07

Dossiê

A profecia da ternura

09

O caminho de Damasco

Recomeçar a crer

13

Horizonte família

O elogio da paciência no
matrimônio

15

Focus

Mulher

Feminicídio

17

Focus

No 140º do primeiro envio
missionário

19

A voz dos jovens

A misericórdia tem um rosto
jovem

21

Polifonia

Liderança e gestão

22

Comunicar

A boa comunicação gera
recursos

24

Cinema

Wonder Women

26

Literatura

Não tereis o meu ódio
Filhas da seda

28

Música

A inovação tecnologia e a
criatividade musical

30

Laboratório-imagem

A escola da imagem para
formar-se e formar

31

Camilla

Inimigos à vista!

34

Dossiê

09

A profecia da ternura

A profecia é a força que nos move com profunda atenção em direção à humanidade. Tocamos a profecia do contato e nos abrimos para acolher a profecia da ternura, a profecia que cura a humanidade. Somos interpelados a abraçar, com a ternura de Deus, toda a realidade humana. O Papa Francisco nos exorta a “*ser missionários da ternura de Deus*”, ternura que nos leva a ser próximos uns dos outros, e que se traduz no cuidado dos gestos e das palavras, na sacralidade das pessoas e da criação.

A partir de Deus experimentamos e entendemos os caminhos da ternura. O nosso Deus que, com sua ternura, ajoelha-se diante de seus filhos e os serve com gestos concretos. Gestos que humanizam, elevam as pessoas, manifestam a essencialidade escondida nos corações, e vão para além das situações pessoais gerando uma relação que desperta confiança, esperança, e abre às possibilidades. Partindo de Deus, sentimos proteção, a sua presença cuida, sustenta e envolve. É assim que experimentamos e nos tornamos capazes de proteger, elevar, doar o calor do afeto, valorizar e abrir-nos a uma convivência pacífica e respeitosa.

Os caminhos humildes da ternura levam a viver gestos carregados de amor, de justiça, de cuidado incessante com o outro. Estar nestes caminhos educa-nos ao olhar de Jesus. E, n’Ele, os nossos olhos se habilitam a acolher as fragilidades dos outros. Assumir a ternura como condição evangélica é colocar-nos à escuta do Senhor que está presente na realidade que nos circunda.

O Deus da ternura nos impele a caminhar na direção dos mais pobres, dos sofredores, dos aflitos, dos sem esperança. A sua ternura se faz carne, deixa a sua marca em nossa condição humana, transformando-a em dignidade. Assumir o rosto profético da ternura é um dom e um empenho. A ternura move o coração do *Sistema Preventivo Salesiano* e nos torna capazes de abraçar a realidade existencial dos jovens, os seus desafios, os seus sonhos. A “*ternura salesiana*” tem o rosto da proximidade, permite-nos entrar em sua história, acompanhá-los de perto, sem jamais abandoná-los no seu percurso de vida. Uma presença terna que suscita nos jovens o desejo de Jesus.

Como despertar nas comunidades educativas a beleza da “amorevolezza” que é a expressão legítima da ternura salesiana? “Não basta amar os jovens; é preciso que os jovens se sintam amados”. Os jovens sentem vitalmente a nossa ternura para com eles? Aprendem, nos ambientes salesianos, a educar o seu coração à ternura para com os outros, a assumir uma atitude de responsabilidade social carregada da força profética da ternura?

A ternura nos torna capazes de viver o espírito de família na imensa casa que é o mundo, na casa-coração dos jovens, das irmãs, dos próximos e dos distantes. Na ternura existe a força integradora que inclui todas as pessoas.

Maria Helena Moreira
nhmoreira@cgfma.org

Paz e ternura

■ Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@fma.org

“Para resistir ao mal, faz-se necessária uma alma terna: este é o nosso modo, o modo cristão de opor-se ao ódio, à violência, à guerra e construir a paz”. O Papa Francisco usa uma expressão que, aqueles que esqueceram o mal incluído, ou removido a mensagem evangélica, poderiam considerar inútil, e que em vez disso - precisamente porque enraizada na mensagem de Jesus - possui uma força incrível: a «revolução da ternura».

“Vence-se o mal não com o mal, mas pelo bem”. Palavras fáceis para serem repetidas, mas difíceis para serem entendidas, porque o ‘bem’, única arma que temos para contrapor-nos ao mal, sempre mais volumoso, hoje, é banalmente considerado.

Contudo, num mundo sempre mais sofrido, devido à fome, às guerras, ao egoísmo dos adultos, às tensões e contradições, aos direitos humanos violados e negados, há os que colocam a *ternura* precisamente no centro de uma grande revolução. Há os que estão convencidos de que é propriamente a ternura o que falta para poder-se novamente viver em um mundo mais humano, solidário, de paz.

■ O fascínio do Evangelho da ternura

Ser terno é escutar o grito dos pobres e da nossa casa comum. É este o estilo extraordinariamente ordinário para o nosso tempo: «ou nos deixaremos forjar pela ternura que é a cultura do respeito, do cuidado pela criação e de si mesmos, da vida e do amor, da partilha e da convivência, ou seremos dominados pela anti-cultura da agressividade, da violência e do poder». (Carlo Roccheta; Rosalba Manes, *A ternura*,

colo do Deus amor. Ensaio de teologia bíblica, Dehonianos, Bolonha, 2015, 14).

O **Beato Giuseppe Puglisi**, mártir morto pela máfia, sempre trabalhou pela paz, com a acolhida e a ternura de um pai, convidando muitas vezes em suas homilias, os próprios mafiosos ao encontro e ao diálogo: “*agir sempre em favor, nunca contra alguém ou alguma coisa*”. Era este o seu método, que se traduz no anúncio manso do Evangelho da ternura, o método da incessante busca de novos estilos de anúncio: cenáculos do evangelho nas famílias, acompanhamento dos jovens casais, educação ao perdão e à reconciliação, educar ao verdadeiro e ao bem... Dom Puglisi fazia “*não apenas a denúncia do mal, mas também a evangelização e a promoção humana*”.

Toda vida de Jesus é revelação da infinita ternura, até o dom total de si, na Cruz. Ele está sempre pronto a acolher-nos, a “carregar-nos nos seus ombros, vez por vez. Ninguém poderá tirar-nos a dignidade que nos confere este amor infinito e inabalável. Ele nos permite levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que jamais nos desilude e que sempre pode restituir-nos a alegria”. (*Evangelii Gaudium* n. 3)

Dom Pino vivia concretamente esta ternura: à procura da honra e da estima dos fortes e dos poderosos, à procura de consensos junto daqueles que contam, ele preferia a escolha da liberdade interior, de agradar a Deus, do não apegar-se aos bens da terra, da pobreza também nos calçados e nas vestes, tornando-se um farol para a sociedade da riqueza e do consumo, onde somente quem possui, conta, enquanto todos os demais são marginalizados e descartados.

A experiência desta “amorevolezza” sem limites, comparada à de um pai para com seus filhos: “*Como um pai usa de ternura com seus filhos, assim o Senhor usa de ternura com todos os que o veneram*” (Sl 103, 13), nos interpela a dar testemunho

desta verdade, tornando-nos mão de ternura, corações capazes de amar e de descobrir-se como família humana que habita a grande casa do mundo, usufruindo os dons da Terra de modo equitativo e solidário, fascinados por aquela ternura que se concretiza no encontro, na compaixão, na alegria do serviço, por uma paz duradoura.

A aposta da ternura na educação, fundamenta-se na ética da cooperação e da solidariedade contraposta à lógica do descarte e do individualismo.

■ Educar à ternura, caminho para a paz

A dor, a agressividade que temos dentro de nós, são os mesmos que devastam o mundo: transformá-los em ternura é já contribuir para um mundo novo. Em cada um de nós existe necessidade de paz, de reconciliação interior que se pode empreender no próprio percurso da vida. Reconhecer-se amados por Deus, feitos à sua imagem, somente assim ficaremos em paz conosco mesmos, com Deus e com a humanidade. *É por isso que somos chamados a educar à ternura e ao amor.*

Na Casa dos Anjos, na periferia de **Bangkok**, diariamente, faz-se a experiência de cuidar com ternura. O Centro acolhe crianças, com várias deficiências, das quais quase a metade são abandonadas, outras têm ainda a sua família e, a sua mãe, presta serviço na Casa. Algumas são residentes estáveis, outras são hóspedes da Casa somente durante o dia. É uma família onde as mães aprendem a amar os seus filhos de modo mais verdadeiro, como uma ocasião de crescimento, de reconciliação e de paz, também para si mesmas. As crianças fazem fisioterapia e recebem assistência médica, participam das sessões de desenvolvimento intelectual com as professoras, e são inseridas nas atividades de grupo para desenvolverem o mais possível suas potencialidades. É uma ocasião de humanização e de evangelização por meio da ternura, para dizer com gestos simples e concretos, o que não se consegue dizer com palavras. As mães aprendem a manter limpo o ambiente, a preparar a comida adequada às exigências dos pequenos (alguns são nutridos com a sonda), a fazer a fisioterapia e a tomar decisões de administração comum a

respeito dos turnos de trabalho e das despesas para o menu cotidiano. Aprendem a economizar alguma coisa do seu salário para administrar de modo construtivo, a economia de sua casa. Por meio da experiência de receber gratuitamente, as mães experimentam a abundância da ternura do amor de Deus. A missão, na Casa dos Anjos é o anúncio do Evangelho com a linguagem da ternura, da aproximação concreta aos mais necessitados.

A ternura, mais do que um sentimento, pode constituir um verdadeiro antídoto aos comportamentos agressivos que se verificam em contextos de solidão e marginalização.

A paz é fruto do amor e da ternura. Ao promover a paz serve o empenho para a esperança. Os verdadeiros revolucionários da história, mudaram o coração, as relações e levaram a paz aos pobres, construindo um povo solidário, lutando pela paz, promovendo a vida. Para que a Paz não seja uma utopia é necessário, porém, que tudo parta de cada um de nós.

“Para construir a paz é preciso muito mais coragem do que para fazer a guerra”, disse o Papa Francisco. É preciso coragem para dizer sim ao encontro e não ao desencontro; sim ao diálogo e não à violência; sim ao respeito dos direitos e não à escravidão; sim à ternura e não à agressividade!

PRIMEIRO PLANO *Cultura Ecológica*

Agir para o clima

■ **Ir. Júlia Arciniegas e Ir. Martha Séide**
j.arciniegas@cgfma.org mseide@yahoo.com

À luz da Encíclica Laudato si' e na perspectiva do Acordo de Paris, esta contribuição oferece uma breve reflexão sobre o 13º Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU que tem como finalidade adotar medidas urgentes para combater as mudanças climáticas e suas consequências.

O histórico *Acordo de Paris* firmado em 2015 pelas Conferências das Partes, sobre a mudança climática (COP21) e a sua rápida entrada em vigor, seguida pela COP22 de Marrakech (Marrocos) 2016, são um sinal da consciência dos Poderosos do mundo na situação alarmante do nosso planeta e o dever urgente de dar uma resposta. Tal urgência é advertida pelo Papa Francisco que afirma: «As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, e constituem um dos principais desafios atuais para a humanidade» (LS 25). Como é tão urgente se o clima, na Terra, sempre se submeteu a mudanças normais? Para compreender as razões desta emergência, ocorre parar um pouco sobre a complexidade do fenômeno, sobre o seu impacto e as suas causas.

■ As mudanças climáticas, um fenômeno complexo

Segundo os estudos científicos, o clima é um sistema complexo pelas muitas condições essenciais para a vida na terra. O aquecimento do clima é uma realidade muito preocupante que interessa todos os países do mundo e envolve todos os âmbitos da existência (cf LS 23). As consequências já estão sob os olhos de todos: o aumento das temperaturas, o derretimento das geleiras, o aumento do nível do mar, a perda da biodiversidade, a redução da água potável, os problemas da produção alimentar, maiores riscos de catástrofes (ondas de calor, seca, aluviões, tempestades, tornados, tufões), propagação de doenças, etc. Estas realidades induziram as potências econômicas mundiais a discutir sobre os modelos a serem utilizados para enfrentar a questão ambiental que requer soluções coordenadas em nível internacional com a finalidade de «manter o incremento da temperatura em 1,5°C» como estipula o *Acordo de Paris*.

■ As cifras

Segundo os dados do grupo intergovernamental sobre a Mudança Climática (IPCC), de 1880 a 2012 a temperatura média global aumentou cerca de 0,85°C. Os oceanos se aqueceram, a neve e a geleira diminuíram e o nível do mar subiu. De 1901 a 2010, o nível global médio dos

mares subiu 19 cm. A extensão da geleira do Ártico removeu-se em cada década a partir de 1979, com uma perda de 1,07 milhões de quilômetros quadrados de geleira, em cada década. Apresenta-se a todos um único cenário: dadas as atuais concentrações e as contínuas emissões do gás estufa, é muito provável que, até o fim do século, o aumento da temperatura global superará 1,5°C, no período de 2015 a 2090. Prevê-se que o aumento médio do nível do mar alcance os 24-30 cm até 2065, e os 40-63 cm até 2100. As emissões de dióxido de carbono (CO₂) aumentaram mais velozmente de 2000 a 2010 com relação às três décadas precedentes. Estas cifras alarmantes nos interpelam a ir à raiz para descobrir as causas, e buscar soluções.

■ A causa principal

A partir de buscas científicas competentes, demonstrou-se que a razão principal da aceleração da mudança climática nestas últimas décadas, é a atividade humana. O Papa confirma claramente e afirma: «É verdade que há outros fatores (vulcanismo, variações da órbita e do eixo terrestre, ciclo solar), mas numerosos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devida à grande concentração do gás estufa (bióxido de carbono), metano, óxido de azoto e outros) emitidos sobretudo por causa da atividade humana» (LS 23). A consciência desta realidade requer um empenho forte para mitigar o fenômeno. «É tempo de ousar um verdadeiro e próprio pacto para o clima, para a mitigação do aquecimento global, sem negligenciar uma adaptação a ser declinada no signo da justiça e da solidariedade relativamente às áreas vulneráveis» (Rede nacional dos Centros para a ética ambiental).

■ O Pacto para o clima

Para contrastar a mudança climática é indispensável agir em mais frentes. De fato, se de um lado a situação é preocupante, do outro, pode-se fazer ainda alguma coisa, mas é preciso agir logo e juntos porque as mudanças climáticas são uma ameaça global que requer uma ação global. As metas colocadas em evidência pelo 13º objetivo da Agenda 2030, os últimos Acordos de Paris em Marrakech internacionais representam a vontade de intervir para fazer recuar o fenômeno. Todavia, se os acordos

internacionais são importantes, sozinhos eles não servirão para bloquear as perigosas mudanças climáticas. São indispensáveis as mudanças de hábito, por parte de cada um e da comunidade (cf LS 23), sobretudo com relação a escolhas no campo da construção civil, nos transportes, no uso e na produção energética, nos consumos alimentares, etc. Um dos caminhos essenciais para se alcançar tais metas é precisamente a educação. Ocorre educar a uma cultura ambiental.

■ Educar a uma cultura ambiental

«A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais aos problemas que vão surgindo em torno da degradação ambiental... Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que opusessem resistência ao avanço do paradigma tecnocrático» (LS 111). Neste sentido, trata-se de uma educação que «assume o contexto ambiental como objeto e lugar da experiência, mas é tendente também ao desenvolvimento de um agir eticamente orientado e politicamente empenhado» (M. Bonafini). Ocorre prever atividades que coloquem os jovens em condição de desenvolver um comportamento responsável e construtivo com relação ao ambiente. Por exemplo, assegurar uma correta informação e sensibilização, mudar paradigma para aprender a pensar de modo sistêmico, cultivar atitudes e favorecer comportamentos conscientes e participativos. Isto implica a necessidade de compreender o mundo com um empenho ativo.

■ Compreender o mundo

Na perspectiva de uma educação ambiental que se torne cultura, um dos primeiros passos é a necessidade de implementar a informação de base sobre os fenômenos climáticos. Isto requer um esforço constante para conhecer e entender aquilo que está mudando no clima, e o impacto sobre a vida terrena. É urgente, portanto, acompanhar os jovens, de um lado para construir conhecimentos, cientificamente fundamentados, dos vários fatos que aceleram as mudanças climáticas, de outro lado ajudar a entender as conexões existentes entre escolhas, hábitos e consequências. Quando se entende como as

ações do homem incidem sobre o aquecimento global do planeta terra, torna-se mais responsável: «Com relação às mudanças climáticas, existe um claro, definitivo, inelutável e ético imperativo a agir». De fato, «o ambiente se situa na lógica da recepção. É um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte» (LS 159).

Escolhe a tua ação

Para reduzir o impacto nocivo dos nossos hábitos sobre o ambiente, são necessários gestos concretos. Além das experiências em nível institucional, nacional e regional, os programas escolares e pastorais sobre a educação ambiental, hoje, há muitas associações, movimentos, instituições, organizações empenhados neste campo. Eles programam iniciativas de sensibilização, informação e educação; múltiplas iniciativas, sublinhamos, no Plano internacional, a proposta do movimento católico mundial para o clima disponível em várias línguas no link: <http://catholicclimatemovement.global.it/agira-21>, que oferece um percurso interessante para combater as mudanças climáticas.

Na mesma linha o empenho da GREEN peace com a sua guia sobre “Como salvar o clima” <http://www.greenpeace.it/energyrevolution/guidu.pdf>.

Entre as numerosas propostas, escolhe a tua ação. Também tu podes fazer alguma coisa porque é a última ocasião efetiva para salvar o planeta.

Para aprofundar: “A respeito das mudanças climáticas, existe um claro, definitivo, inelutável e ético imperativo para agir” (LS 159).

<https://WWW.youtube.com/watch?v=i1fQ-3-cEFq>

PRIMEIRO PLANO *Fio de Ariadne*

Palavras, gestos, comportamentos

■ **Giuseppina Teruggi**
gteruggi@cgfma.org

Na vida social experimentam-se, comportamentos, problemas e interações das quais não se preveem

as consequências, muitas com desconforto e senso de culpa em quem a vive. São ações impróprias, às vezes improvisas, impulsivas, que não levam em conta a idade, o momento, o lugar, e que podem verificar-se também nas comunidades religiosas. Algumas pessoas são agressivas porque não têm outras modalidades de resposta, ou elas mesmas foram vítimas de agressividade.

■ As origens do comportamento agressivo

“A agressividade é algo de inato no ser humano” e “pode transformar-se em condutas socialmente aceitáveis ou gerar comportamentos violentos visando causar sofrimento aos outros”, afirma V. Amendolagine. Ele sublinha que muitos atribuem as condutas agressivas a características próprias do indivíduo, como o caráter, ou a procedência de uma família ou de um grupo social em que a agressividade é um estilo relacional difuso.

É interessante perguntar-se como foi considerada a agressividade no curso dos séculos. O pensamento grego antigo, e em geral o oriental, dava à agressividade uma valência positiva, ligada à racionalidade, porque sinônimo de coragem na batalha. No mundo latino, sobretudo com Sêneca, a agressividade foi vista como consequência da ira, comparada muitas vezes à loucura. Mais perto de nós, alguns filósofos (Hobbes, Cartesio e outros) ligaram a agressividade à raiva, à cólera que se ativa quando se sofre um mal ou se sentem desprezados. Torna-se conduta agressiva no momento em que a pessoa é movida pelo desejo de vingança diante de quem a avilta. Transforma-se, então, no desejo de fazer o mal ao outro (*homo lupus*).

Para alguns estudiosos (por exemplo, Konrad Lorenz), a agressividade – “o assim chamado mal” – nasce de um impulso interior que gera e dirige os comportamentos do ser humano. É uma força interna ativada por elementos precisos: a defesa daquilo que se possui em nível material ou afetivo; a luta pelo poder; a necessidade de tornar organizado o próprio ambiente de vida. Existe uma forma benigna – segundo Eric Fromm – necessária à sobrevivência, que permite ao indivíduo defender a própria

personalidade e o próprio mundo; e uma forma maligna, que leva à destruição nos relacionamentos.

Muitos consideram que na base da agressividade existe uma frustração: experimenta-se esta emoção quando encontram-se obstáculos que impedem de alcançar objetivos pré-fixados. Ela passa por um aumento exponencial quando o indivíduo, estando para alcançar o seu objetivo, é interrompido.

■ Sinais antecipadores

Nos comportamentos agressivos devem ser reconhecidos os eventos antecipadores, e as fases sucessivas. Pode-se ser agressivo para controlar o ambiente, atrair a atenção, obter alguma coisa, lamentar-se ou enviar uma mensagem, ou desafogar um sentimento marcado pela aversão a uma pessoa.

Os efeitos negativos estão ligados a um processo de *escalation* do qual é importante conhecer as características. “A *escalation* é uma forma de comunicação hostil entre pessoas que, em sua troca, tendem reciprocamente a levar ao extremo as próprias posições e a se enrigecer, nas próprias razões. É caracterizada por um aumento gradual de intensidade emotiva pelas trocas interpessoais, e se desenvolve ao longo de uma espécie de ‘linha psico-emotiva’ da agressividade”, afirma Paolo Fusari, em um estudo sobre como gerir a agressividade.

A dinâmica possível da *escalation* vai das expressões verbais fortes e denigratórias, a manifestações gestuais violentas, a ameaças verbais ou físicas como empurrões e safanões, até o contato físico direto e o uso de armas. Existem sempre causas detonantes, como provocações, ameaças, tons excitados, às quais segue uma fase de aumento do comportamento crítico que prossegue com intensidade sempre maior até a culminância da crise. Após a crise aguda, a linha psico-emotiva da pessoa diminui de intensidade até a fase da depressão pós-crítica.

Podemos, então, sintetizar assim a dinâmica da conduta agressiva: fase do fator detonante, fase da *escalation* (intensificação), fase da crise (excitação máxima), fase da recuperação, fase da depressão pós-crítica.

A solução possível é ativar um processo *de-escalation* ao qual pode-se recorrer com atenções apropriadas. São estratégias de comunicação verbal, aplicáveis em vários contextos, que levam a reduzir a intensidade da tensão interpessoal. Um requisito de base é levar com calma a tensão e a agitação entre as pessoas, em nível de maior equilíbrio.

■ Caminhos de prevenção

Há diversas intervenções ou precauções a serem adotadas por parte da pessoa. O importante é conhecer o mecanismo da *escalation* e reduzir as possibilidades de que venha a acontecer. Às vezes bastam algumas atenções ao contexto, que requerem, por exemplo, não colocar-se diante da pessoa face a face, manter uma postura de não-embaraço, ser livre, pronta, não apontar o dedo, não ficar nervosa ou expressar ansiedade e medo, não ficar na defensiva, não julgar, não subestimar, evitar sorrir para não ser mal-entendida, saber dominar as palavras e as reações.

Pode acontecer-nos que, com algumas pessoas, se desencadeiem facilmente reações de agressividade. Deve-se, então, estar atentos para negociar, escutar, evitar modos arrogantes no jeito de falar, prestar atenção no que se diz e como se diz; esperar que a pessoa agressiva se acalme, para sucessivamente, restabelecer o contato. O importante é não contrastar, nem fazer polêmicas ou argumentar, mas usar frases breves e claras, dirigir apenas algumas perguntas abertas; não interpretar estados de ânimo, compreender, dizer-se de acordo; gerir o próprio papel de modo influente e firme, sugerir alternativas que permitam a todos sair da situação.

Como mulheres de fé, somos convictas de que, além das atenções consideradas, podemos contar com uma “marcha melhor”, uma força motivacional profunda que encontre inspiração na proposta do Evangelho e do Sistema Preventivo. O caminho de conformação aos sentimentos de Jesus ativa os melhores recursos do coração humano, que chega a amar até as últimas consequências do saber perdoar, com uma estratégia cotidiana de não permitir “que se ponha o sol sobre a própria ira”. Também quando, pela fragilidade humana, nós mesmos caímos em experiências de agressividade.

DOSSIÊ

A profecia da ternura

■ Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

Falar sobre a ternura, dizer o que acontece quando a mão toca um rosto, quando sentimos o coração dobrar-se e quase projetar-se no coração do outro, quando a ternura nos faz sentir próximos. Ternura é usar os olhos para ver o outro, usar os ouvidos para escutar o outro, para escutar o grito dos pequeninos, dos pobres, de quem teme o futuro; escutar também o grito silencioso da nossa casa comum, da terra contaminada e enferma. Ternura significa usar as mãos e o coração para acariciar o outro. Para cuidar do outro.

A ternura é a linguagem dos pequeninos, de quem precisa do outro: uma criança se afeiçoa e conhece o papai e a mamãe pelas carícias, pelo olhar, pela voz, pela ternura. «*A mim me agrada ouvir quando o papai ou a mamãe falam com o seu filhinho e quando também eles se fazem crianças, falando como fala ela, a criança*», revela o Papa Francisco. A ternura é isso: abaixar-se ao nível do outro. Também Deus abaixou-se em Jesus para ficar no nosso nível. É esta a estrada percorrida pelo Bom Samaritano. É esta a estrada percorrida por Jesus, que se abaixou, que perpassou toda a vida do homem com a linguagem concreta do amor.

A ternura é a estrada que os homens e as mulheres mais corajosos e fortes, percorreram. É a estrada da solidariedade, a estrada da humildade. «*Quanto mais és poderoso, quanto mais as tuas ações têm um impacto sobre as pessoas, tanto mais és chamado a ser humilde porque de outro modo o poder te arruína e tu arruinarás os outros*». Na Argentina diz-se que o poder é como um gim, tomado em jejum: ele te faz girar a cabeça, te embriaga, te faz perder o

equilíbrio e te leva a fazer o mal a ti mesmo e aos outros, se não juntares a ele, a humildade e a ternura. Em vez disso, juntamente com a humildade e o amor concreto, o poder – o mais alto, o mais forte – se torna serviço e difunde o bem. O futuro está nas mãos das pessoas que reconhecem o outro como um ‘tu’, e a si mesmas como parte de um ‘nós’. Temos necessidade uns dos outros”.

“Quanta necessidade de ternura tem o mundo de hoje!”. Para dizer a verdade, a ternura é o que mais falta, hoje. Quantas relações entre esposos ou amantes, acabam, acaba a paixão ou acabam por serem afetadas pela violência e pela mercantilização do outro, precisamente porque falta a ternura; quantas relações de amizade vão se apagando porque não se é capaz de renovar os laços, com a ternura; quantos encontros não desabrocham em relacionamento, por falta de ternura... Eis porque a ternura deve ser vista e reconhecida num rosto: de outro modo o rosto se torna rígido, duro, inexpressivo!

A ternura é o amor que se faz concreto e próximo. (Papa Francisco)

■ Falar da ternura

A ternura é um êxodo em direção ao outro. É fazer o outro sentir-se bem e reconhecer seu valor. Ela nasce como harmonia interior, síntese inconsciente, no entanto, atenta e vigilante, que flui do esplendor do belo e remete ao belo (C. ROCCHETTA), *Teologia da ternura. Um ‘evangelho’ a ser descoberto* EDB, Bolonha 2005, pp. 28-29).

A ternura é a prova da existência do amor; porém, viver com ternura para consigo mesmo, para com os outros e para com Deus, não é uma coisa simples. *“O grau de sensibilidade diante do sofrimento dos outros, diante da humanidade dos demais, é índice da capacidade de humanidade alcançada... O contrário da humanidade é a incapacidade de reconhecer a humanidade do próximo, a incapacidade de ser sensível às suas necessidades, à sua situação.”*(A. Heschel, *Quem é o homem?* Rusconi, Milão 1976, 71).

É a história de **Favour**. Nascida de uma jovem mãe africana, nunca chegou em terra italiana. “Favour é uma criança de nove

meses desembarcada em Lampedusa, sozinha: sua mãe, uma jovem do Mali, grávida de uma outra criança, morreu durante a travessia. Outras mulheres, tomaram a criança e a estreitaram nos braços, até chegarem os socorros da guarda costeira, que a acolheram e conduziram ao políambulatorio da ilha. Lá a menina foi acolhida e alimentada com água, leite e biscoitos; recebeu também um creme protetor. Um abraço novo em terra estrangeira, igualmente materno e paterno, depois da perda da ternura originária, no mar. Por isso foi-lhe dado o nome de Favour: tornou-se a favorita, a privilegiada, a criança chamada pelo nome e, por isso, aberta a um novo destino. Concebida em terra africana, foi posteriormente cuidada com os gestos da ternura siciliana”.

Ternura - O atributo de Deus que mais me encanta é a ternura. Sim! Deus é ternura! Creio que cada manifestação de ternura doada e recebida, vem de Deus. A ternura, quando chega ao homem seguindo a linguagem mais profunda do seu ser, tem a capacidade de curar e libertar. Tem a força de fazer reflorescer sonhos e grandes desejos, o coração árido de sentido, e impulsioná-lo ao seu pleno cumprimento, à realização de sua missão.

A ternura chega por uma infinidade de mediações, modos e tons, porém, quando é “revelação”, o homem vê a sua grandiosidade de criatura feita à imagem e semelhança de Deus e então, a vida muda. A vida do homem se eleva em toda a sua magnificência, preenchendo de fecundidade tudo o que encontra no seu caminho.

Pelo mesmo motivo e com efeitos opostos, penso que a ternura negada tem o poder de tornar o homem escravo dos seus medos; e no tempo causar feridas, inseguranças, frustrações, raiva e violência (mais ou menos conscientes), conquistando amplos espaços do seu coração, arruinando a sua natureza simples e belíssima, feita por Amor e para o Amor.

Mas nada está perdido! Há sempre uma esperança! Por meio do caminho espiritual, e especialmente com a mediação, descobri a particular ternura de que precisava, o lugar em que ela habita e a mediação da qual Deus se serviu para concedê-la a mim.

Aquela ternura não estava longe de mim, não estava fora de mim, estava exatamente dentro de mim! Era Deus em mim! E a mediação de que ele se serviu, para derramá-la na minha ferida, foi exatamente a minha pessoa para mim mesma!

“A ternura é dizer “obrigado!” com a vida; é ternura porque é humilde reconhecimento de ser amado” (Bruno Forte).

■ A ternura nas palaavras e no estilo de vida do Papa Francisco

“*Ternura*” é um dos termos mais repetidos pelo Papa Francisco, desde o início do seu ministério como Sucessor de Pedro e Bispo de Roma. “*Não devemos ter medo da bondade e da ternura*”, começou a homilia com estas palavras em **19 de abril de 2013**, na Missa do início do seu Pontificado, diante dos “grandes do mundo” e de uma multidão presente.

E no dia **21 de abril**, quarto domingo depois da Páscoa, comentando o texto do “Bom Pastor”, afirmou: “*Ternura! Mas o Senhor nos ama com ternura*. O Senhor conhece a bela ciência das carícias, aquela ternura de Deus. Não nos ama com as palavras. Ele se aproxima e nos ama com ternura. Aproximação e ternura! Estas são as duas maneiras do amor do Senhor que se faz próximo e dá todo o seu amor, também nas coisas pequenas: com ternura. E este é um amor forte, pois, aproximação e ternura nos fazem conhecer a fortaleza do amor”. Durante a entrevista à TV brasileira “O Globo”, em **28 de julho**, assim se expressou: “A Igreja é mãe, e não se conhece uma mãe por correspondência. *A mãe nos mima, nos toca, nos beija, nos ama*”.

No dia **22 de outubro**, celebrando a Missa em Santa Marta, diz: “Deus não nos salva somente por um decreto, uma lei. *Salva-nos com ternura, com carícia, com sua vida dada por todos nós*”.

O Papa Francisco encarnou a ternura não só nas palavras mas também no seu estilo de vida simples e coerente, parte substancial da sua personalidade, com um sorriso bom e límpido. Ele demonstra doçura e ternura nos abraços e nas carícias que dispensa sobretudo às crianças, aos deficientes, aos enfermos e aos anciãos. Não se esquece dos últimos, nunca!

Fala uma linguagem simples e compreensível aos mais humildes. Não negligencia a relacionamento pessoal, telefonando ao seu jornaleiro, em Buenos Aires, para cancelar o cotidiano que recebia toda manhã; ou a uma mulher ferida e violentada, para dizer-lhe que não está sozinha.

“*Mas, por que vieste até aqui?* Perguntou-lhe um jovem detento da penitenciária de Casal del Marmo, de Roma, na celebração da Missa da quinta-feira santa, na “*Ceia do Senhor*”. E o papa Francisco responde: “*Porque eu vos quero bem e os sentimentos*

são assim. Senti no meu coração e gosto de fazê-lo porque o Senhor assim me ensinou”.

A ternura é a expressão do cuidar, do coração bom e misericordioso; colocá-la em prática com atitudes de abertura e de compaixão para com o outro, é a manifestação do quanto o nosso coração foi ‘conquistado pela ternura do amor de Deus’.

Seremos capazes de dar ternura após tantos anos de teclados e telas de toque?

■ Dar e receber ternura

Para que serve a ternura? A ternura abre ao encontro, à amizade. Ela está ao serviço do humano: salva a vida, conecta pequenos e grandes, abertos e fechados, recém-nascidos e velhos, mundos diversos, espaços não só humanos. A ternura é nômade, deve ser atualizada, é flexível e vigorosa ao mesmo tempo, prolonga-se e se alarga, é um exercício contínuo de amar e ser amado.

Por isso, é essencial pôr-se na “escola da ternura”. A ternura envolve o homem na sua unicidade e totalidade, entrecortando o aspecto intelectual, o de valor, e o “experimental”, porque na base da ternura está o encontro.

A ternura “intelectual” requer percorrer um itinerário ascético que implica o envolvimento da razão e dos sentimentos, com o objetivo de sair do nosso “eu”, solitariamente egoísta e centrista, para encontrar o “tu”. Isto requer a superação do egocentrismo e o abandono da mentalidade baseada no cálculo e nos interesses; torna a pessoa amável e também disposta a aceitar e a estimar o outro como ele é, ultrapassando as aparências.

A partir do raciocínio sobre a ternura chega-se à “experiência da ternura que é a concretização do mandamento que Jesus nos deixou como herança e testamento, na tarde da Última Ceia: “*Eu vos dou um novo mandamento que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, amai-vos também vós uns aos outros*” (Jo. 13, 34). Este não é apenas o distintivo da pertença a Cristo, é a ternura que se transforma em cotidianidade: “*Assim, todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros*” (Jo. 13, 35). O amor que encoraja a cuidar do outro, a ajudá-lo a carregar seus pesos, a participar em primeira pessoa de suas

necessidades exprime-se também com os gestos.

“Aproximar-se de quem foi profundamente ferido, com aquela ternura que não é apenas um gesto das mãos, está presente no olhar, na escuta, em toda posição do corpo; é como uma mensagem, um modo de comunicar que te diz que és precioso, que te revela que és mais belo do que imaginas” (Jean Vanier, *A comunidade*, Jaka Book, Milão 1990, 81).

***A ternura pode curar cada ferida
(Papa Francisco)***

■ Na escola de Madre Mazzarello

A ‘ternura de Deus é um dos elementos mais característicos do modo de ser e de educar de Maria Domingas Mazzarello. Na ternura está o segredo da sua missão e da sua vida inteiramente doada à salvação das jovens. Main: uma jovem que conhece a ternura do coração de Deus. A nossa existência também é uma parábola de ternura, objeto privilegiado de um olhar de amor que nos é doado gratuitamente. Só quem faz a experiência da ternura pode doá-la e derramá-la sobre os outros.

Para ser “sinal do amor com que Deus ama” (art. 52) é preciso morar n’Ele, fazer experiência da sua verdade. A verdade de Deus é ternura, é amor misericordioso. Ele “não é senão Amor, um amor que se doa gratuitamente” e que espera a nossa resposta de amor.

Maria Domingas Mazzarello tornou-se a mulher da ternura, porque antes de tudo sentiu-se mergulhada na ternura do amor de Deus. Se quisermos descobrir a fonte da ternura de Madre Mazzarello para com as Irmãs e as jovens, contemplemos sua experiência pessoal do Amor de Deus. Nela a experiência do encontro com o olhar amoroso e pleno de ternura de Deus está no início de tudo, como fonte nascente, que explica a plenitude de vida que a caracterizou.

O que acrescenta a ternura à dimensão da fé? “Em Mornese o tifo fez várias vítimas. Na família de um tio de Maria, todos foram atingidos, precisaram, assim, recorrer à ajuda de outras pessoas para a assistência, e falaram com Dom Pestarino, o pai dos mornesinos, pedindo ajuda. Era uma família numerosa e a mãe, em estado grave, teria desejado sua sobrinha Maria. Dom Pestarino deve ter ficado perplexo. Maria: tinha vinte e

três anos; era a mais velha dos filhos, numa família numerosa; era o braço direito do pai, e também o seu apoio, pelo seu zelo; e a esperança daquele ‘grande bem’ que ainda queria fazer; e se acontecesse uma desgraça? As Filhas da Imaculada tinham – por regulamento – a obrigação de assistir os doentes da aldeia, mas agora não se tratava apenas de assistir doentes: e quem mandar a uma casa onde há também as jovens? Pede, então, Maria licença aos pais, para esta obra de caridade. Os pais recusaram: o pai colocou a necessidade que tem dela, para os trabalhos do campo; a mãe, para a ajuda na casa e, porque não, pelo medo do contágio. A mãe nunca esconde a ternura do seu coração” (Cronistoria, Vol. I p. 86).

Na vida cotidiana, a ternura não é opcional. A ternura é disponibilidade à mudança, a viver a nossa existência na lógica do amor. A ternura é uma viagem que transfigura tudo com os olhos do coração. A ternura abre o coração a Deus. O Papa, indicando-nos a perspectiva da ternura, nos reporta a Cristo que, na lógica da Cruz, vence o mal com o bem.

Vivemos a ternura como sentimento ou nos limitamos ao sentimentalismo da ternura? Estamos conscientes de que da escolha da ternura depende tanto a nossa felicidade quanto a das pessoas que estão ao nosso lado? Como expressamos visivelmente a ternura diante das Irmãs na comunidade, dos jovens, dos leigos e colaboradores da nossa missão, e dos últimos da sociedade?

A ternura em versos - De que modo mágico, a poesia pode tocar com a ternura? Transformando em canto a dor da vida, mudando em beleza a fadiga dos próprios sentimentos de inadequação, desenterrando os cascalhos para recuperar pedras preciosas com as quais encher as próprias mãos e doá-las aos outros.

Quando os gestos do amor
se apaziguam, quando a pele
se destaca da máscara
e a dor mansa
se cala no olhar,
quando derramo lágrimas nuas
e procuro com mãos de cego,
Deus passa através dos
meus olhos enternecidos.
A sua ternura
me cobre como asa,
acalma os tumultos do meu coração
e nas feridas abertas
é mais bálsamo do que o bálsamo
com o qual cura (Luigi Verdi)

A ternura no cinema

A *ternura* de Gianni Amelio consegue causar emoções que, por ora, experimentam-se raramente no cinema. O filme é inspirado no romance de Lorenzo Marone: *A tentação de ser felizes*. O título resume bem o tema: a contradição do ser humano, amedrontado pelos outros e ao mesmo tempo, tremendamente necessitado de afeto. Sentimentos que se cruzam entre o sorriso e a agressividade. Um pai e seus filhos não amados, um irmão e uma irmã em conflito, um casal jovem que parece sereno e as crianças que veem e não podem rebelar-se. A história de duas famílias em uma Nápoles (Itália) inédita, longe das periferias, uma cidade burguesa onde o bem-estar pode mudar-se em tragédia, mesmo quando a esperança esteja ao alcance.

Um filme poderoso, tão lúcido que quase faz mal, pleno de amor (o amor está na fragilidade dos personagens, na autenticidade dos intérpretes, na direção rigorosa sem jamais ser árida). Não a anedota psicológica ou o afresco social, mas a realidade mutável e misteriosa dos sentimentos. Não a crônica, mas a atualidade de um “tempo do fim”, a velhice, que pode sempre tornar-se um novo início, e que aqui parece quase a metáfora de toda uma época cansada, turbulenta, desencantada, atormentada por um mal-estar que se respira no ar, ansiosamente em busca de um sentido, de uma esperança de felicidade, de ternura. *A ternura* é o roteiro vencedor do Prêmio Internacional “*Sergio Amidei*” 2017 de Gorizia, junto à 36ª edição e vencedor de 4 Fitas de Prata.

Recomeçar a crer

■ Mara Borsi

mara@fmails.it

O termo “reiniciantes” é usado ainda de modo bastante fluido. Recorre, às vezes, como título genérico e, depois, retorna em sentido mais específico para distinguir estas pessoas, dos “catecúmenos” e dos “convertidos”. Em sentido geral poder-se-ia falar de “novos vindos à fé”, distinguindo as várias tipologias, mas o problema verdadeiro não é certamente a terminologia, mas sim a realidade mesma que, deste ponto de vista, é ainda muito flutuante.

Com o termo “reiniciantes” estendem-se as pessoas que – após um período, em geral bastante longo, de afastamento da fé – foram recolocados no caminho a partir de algum recente acontecimento de sua vida, e desejam redescobrir o que significa ter fé.

Situações aparentemente casuais, em cada caso não projetadas, como uma celebração litúrgica que traz de volta memórias distantes, a leitura de um livro, uma conversão, ou a experiência traumática da solidão, do sofrimento e da morte provocam questões de sentido e determinam crises que despertam perguntas, há longo tempo adormecidas, e ativam a busca de respostas.

Também as experiências de voluntariado podem provocar um repensamento em torno dos valores postos como fundamento da própria existência e, em alguns casos, podem levar a interrogar-se sobre a fé cristã.

É frequente a questão do Batismo de um filho, assim como a celebração da Confirmação ou da primeira Comunhão, para interpelar de modo sério e decisivo a consciência, e levar a atenção dos adultos à fé recebida ainda como criança e depois esquecida por longo tempo.

■ Pessoas no limiar

Um dos centros onde mais se trabalhou e ao mesmo tempo se refletiu neste campo, é o grupo *Pascal Thomas di Lione*. Um dos guias desse grupo, o teólogo Heri Bourgeois, extrai

da própria experiência as seguintes características dos *reiniciantes*:

- Manifestam a necessidade de falar, de expressar a sua tensão; desejam encontrar alguém que os escute;
- Se fazem perguntas, querem saber e ter explicações;
- São diferentes dos convertidos: alguém pode querer recomeçar sem ser ainda convertido, outro pode ser convertido sem ter ainda ativado o trabalho de “recomeçar”. O desejo de retomar um caminho da fé pode esconder-se também por trás do pedido de um sacramento, porém, não é automático;
- Em geral essas pessoas têm um passado a ser percorrido, a ser reelaborado; a sua fé (muitas vezes ligada à infância) ou não recebeu uma iniciação plena ou não resistiu às provas da vida. Têm, portanto, necessidade de poder alcançar uma fé adulta; muitas vezes carregam nos ombros problemas não resolvidos com a Igreja, da qual se afastaram ou, posteriormente, aconteceu alguma coisa que desencadeou o desejo de retomar.

■ Uma atenção consciente

São estas pessoas que interpelam a comunidade educativa a configurar-se como uma *porta eclesial* que se abre e oferece pessoas disponíveis a acolher e acompanhar um percurso de redescoberta da fé. As ocasiões de contato com este tipo de pessoas em busca, nas instituições educativas, são numerosas. É preciso, porém, que a comunidade educativa se interroge sobre a própria capacidade de acolher e acompanhar os *novos vindos à fé*. Na ótica de uma comunidade cristã missionária, esta poderia manter uma atenção constante que a tornasse pronta a acolher a ocasião, quando se apresentasse. Todavia, é importante lembrar que é necessário não apenas esperar, mas principalmente, solicitar as perguntas.

Neste campo, de fato, acontece que não é apenas a pergunta a gerar a oferta, mas também, vice-versa: a proposta de caminhos específicos, para quem deseja recomeçar a crer, faz redescobrir exigências que facilmente permaneceriam não expressas. Ou melhor, o objetivo que se almeja é exatamente o de formular uma pergunta que facilmente possa permanecer implícita ou mesmo inconsciente.

Precisamos estar convencidos de que uma pastoral de acolhida já é importante, porém, não é suficiente. É necessário ativar também uma pastoral de propostas. Por isso, seria necessário, nas comunidades educativas, sobretudo no relacionamento com os pais, educadores e professores, evidenciar propostas específicas para quem deseja redescobrir o sentido da fé, ou interrogar-se seriamente sobre ela, cientes de que estamos nos dirigindo a pessoas que não são completamente estranhas ao anúncio cristão.

■ Atitudes a serem evitadas

As experiências eclesiais realizadas neste campo, evidenciam duas atitudes que não ajudam no caminho da redescoberta da fé.

O primeiro é o que se configura a partir da condescendência. Com esta atitude, alcança-se o objetivo de deixar uma boa lembrança ao interlocutor, presta-se a atenção nos particulares da acolhida, porém não se recoloca a pessoa no caminho, não se ajuda a mesma a decidir por si mesma, diante do Evangelho.

A segunda atitude é a de colocar-se como mestres poderosos dando uma mensagem deste gênero: “Destas coisas, cono tu vês, não sabes absolutamente nada e, portanto, debes ser alfabetizado”.

Diante de tal mensagem, o ouvinte reage do ponto de vista emotivo ou com aborrecimento, pelo que cresce a persuasão silenciosa de que os católicos não sabem sair do seu mundo, ou o fazem com a condescendência aos novos mestres encontrados, considerando uma vantagem o fato de ter mestres, que sabem o que conta, o que se deve dizer, fazer e pensar.

A atitude correta – o que deve ser praticado, reconhece antes de tudo, como não seja possível adotar diante do interlocutor uma conduta preconfeccionada. É preciso dispor-se a aprender, por meio da escuta da pessoa que está em busca, quais sejam as palavras cristãs que podem ser ditas.

A agroecologia de Pierre Rabhi

Pierre Rabhi nasceu na Argélia em 1938; transferiu-se para a França aos 12 anos e idade, após a morte da mãe. Em Paris foi educado por uma família de formação europeia e, trabalhando na fábrica como operário especializado, pouco a pouco percebe as profundas injustiças do...

...sistema industrial capitalista, de tal modo a sentir necessidade de abandonar tudo para escolher uma outra vida em simbiose com a terra. Assim, por mais de quarenta anos viveu com a sua família em Cèvennes, onde criou uma fazenda gerida segundo critérios ecológicos.

Estudando, experimentando e cultivando a terra percebeu que a agroecologia é um dos caminhos para salvar o planeta da catástrofe ambiental e social. A agricultura industrial polui o ar, destrói a húmus fértil do solo, elimina a biodiversidade.

Agroecologia significa respeitar os equilíbrios da terra, por isso Pierre cultiva eliminando pesticidas, produtos químicos, sementes panteteadas, fertilizando a terra com fertilizantes naturais. O homem, em sua visão, não é o dominador, nem o desfrutador da natureza é, sobretudo, coparticipante dos ciclos naturais. Para Pierre a agroecologia está indissoluvelmente entrelaçada com a sobriedade feliz, em total antítese com quem acredita ainda no paradigma econômico do crescimento. As suas ideias não se afirmaram apenas na França, atravessaram os confins europeus para alcançar outros Países e são aplicadas com fruto, sobretudo, na África

A pequena borboleta de aço

Nádia Murad Nasee Taha é uma jovem iraquiana, da religião yazid, raptada, vendida como escrava, abusada e, enfim, foragida das mãos do estado islâmico. Em 16 de dezembro de 2015 contou diante do Conselho de segurança das Nações Unidas a sua história, e deu voz aos sofrimentos de tantos inocentes. Eis alguns trechos do seu relato: *«Eu vivia em Kocho quando no dia 13 de agosto de 2014 o vilarejo foi atacado. A violência sexual foi utilizada para destruir as mulheres e as jovens, para que não pudessem mais levar uma vida normal. Fomos levados para a escola do vilarejo onde separaram as mulheres e as crianças, dos homens e dos meninos. Seis dos meus irmãos foram mortos, juntamente com outro homens. Fomos levados para uma outra região em Mosul, encontramos-nos num grande edifício e ali fomos vendidos como encomendas, por um preço bem preciso»* Nadia, constantemente espancada e violentada, finalmente depois de três meses de escrevidão consegue fugir. Hoje vive na Alemanha. O seu sonho é voltar para a sua terra a fim de enterrar os mortos e viver de novo em paz.

EM BUSCA *Horizonte família*

O elogio da paciência no matrimônio

■ Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

O amor declinado do eros ao agape ocupa o quarto capítulo da *Amoris laetitia*, na qual o Papa Francisco cita o hino à caridade de São Paulo (1Cor 13, 4-7, cf AL n. 90-119) com referência ao matrimônio. O Papa faz “uma verdadeira e própria exegese atenta, pontual, inspirada e poética, do texto paulino, relido com as lentes de um casal de esposos”.

“Fica-se tocado pela capacidade de introspecção psicológica que marca esta exegese, dado que o Papa entra no mundo das emoções dos cônjuges – positivas e negativas – sem omitir a dimensão erótica do amor. Trata-se de uma contribuição extremamente preciosa para a vida cristã dos conjugues, que não tem comparação com os precedentes documentos papais”.

■ A vida conjugal

O Papa coloca-se na pele dos homens e mulheres que se amam, para experimentar aplicar as recomendações universais de Paulo às relações entre namorados e esposos. O tom é de admiração e alegria. Ele mostra concretamente que as dinâmicas da vida a dois, são o lugar excelente para a verificação da fé, a começar pela busca de uma qualidade sempre melhor da relação: confrontar-se, dialogar, ajudar-se, tanto na intimidade quanto nos pequenos gestos da vida cotidiana.

Com muita frequência, infelizmente, constata-se entre os crentes, a cisão entre a prática religiosa, a frequência aos ritos, a oração e a escassa atenção recíproca, mesmo quando não existem evidentes injustiças e violências, consideradas desculpáveis devido à instituição civil e/ou sacramental. Um dado que não cessa de alarmar, é que a família, fulcro da vida de amor, muda muitas vezes ao seu contrário, “ninho de cobras”, como dizia Mauriac. O ambiente humano escolhido como berço do amor, torna-se o lugar do qual defender-se, mesmo apenas para salvar o senso de dignidade ou a própria vocação profissional ou religiosa.

Daqui o acento crítico dirigido por Bergoglio a todos os que têm a tendência a «serem abstratos, teóricos, idealistas», apontando apressadamente para o amor

doado, que se identifica com a amizade espiritual, voando sobre a realidade das relações homem-mulher que são uma «combinação de alegrias e fadigas, de tensões e de repouso, de sofrimentos e libertações, de satisfações e buscas, de aborrecimentos e prazeres» (AL 126). Somete recolhendo os fragmentos de um discurso amoroso, declinado em termos absolutamente concretos, gratificantes e frustrantes que cada casal vive, pode-se ir ao encontro de quem vive as alternas fases da vida a dois, nunca estagnadas e sujeitas, para todos, a triunfos e fracassos, exaltação e indiferença, mortes e ressurreições. O chamado é particularmente válido quando se pensa naqueles cônjuges que, atraídos pelos chamados à vida de fé que provêm de personagens centrais na Igreja, fundadores, mulheres e homens carismáticos, confrontam-se com uma perfeição que, na realidade, é quase inatingível para um casal. Alguns exercícios espirituais, linguagens, indicações de oração, apresentam modelos e ritmos de frequência eclesial típicos de pessoas individualmente consagradas e de movimentos espiritualistas nem sempre adaptados à vida de família.

Daqui a advertência a evitar «um ideal teológico muito abstrato do matrimônio, quase artificialmente construído, distante da situação concreta e das efetivas possibilidades das famílias, assim como elas são» (AL 36). Este respeito à lei da gradualidade para os esposos, vale também à educação dos filhos, como um convite a educá-los respeitando as etapas dos seus percursos, sem querer acelerá-las, de modo tal que eles possam se sentir compreendidos, aceitos e apreciados» (AL 271).

O Papa Francisco está plenamente ciente das dificuldades de viver o amor na cotidianidade, e denuncia a opressão do perfeccionismo que é precisamente a pressa de desvincular-se dos limites de todo gênero «não se deve jogar sobre duas pessoas limitadas o tremendo peso de dever reproduzir de maneira perfeita a união que existe entre Cristo e a sua Igreja, porque o matrimônio como sinal, implica “um processo dinâmico que avança gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus”» (AL 122).

■ A caridade paciente

A gradualidade não nega absolutamente a meta que é indicada pelo *hino de São Paulo*, mas aceita a cruz do tempo, em uma dialética que evita, de um lado o achatamento realístico, e do outro a flutuação idealista. Por isso o Papa ressalta a virtude da paciência (**«A caridade é paciente»**), livrando-a de alguns equívocos: “Ser pacientes não significa deixar que nos maltratem continuamente, ou tolerar agressões físicas, ou permitir que nos tratem como objetos. O problema põe-se quando pretendemos que as relações sejam idílicas ou que as pessoas sejam perfeitas, ou, quando nos colocamos no centro e esperamos unicamente que se faça a nossa vontade. Então, tudo nos impaciente, tudo nos leva a reagir com agressividade. Se não cultivamos a paciência, sempre vamos achar desculpas para responder com ira e, no final, nos tornamos pessoas que não sabem conviver, antissociais e incapazes de dominar os impulsos e, então, a família se transformará num campo de batalha” (AL 920).

É novo e mais que oportuno este chamado conjunto à paciência e à defesa da pessoa. Quando a dignidade é ofendida e pisoteada precisamente pelo cônjuge, que credibilidade pode ter o sacramento do amor? Como podem os pais ensinar aos filhos o respeito, o cuidado, a doação ao outro, a não ser pelo seu modo de relacionar-se? Eles não teriam mais autoridade se, entre eles, se estabelecessem relações de prepotência ou de indiferença, se se traíssem e se espancassem, com comportamentos diante dos quais – como todas as pesquisas demonstram – os filhos confessam sentir-se mal e acumular tristeza e desconfiança. Um marido e uma esposa pacientes, controlam os desafoxos da ira: «Desapareçam de vós toda aspereza, desrespeito, ira, gritos e malediscências, e toda sorte de malignidade» (Ef 4,31). Mas, o amor paciente não pode limitar-se a esta dimensão negativa; não pode ser somente autocontrole; implica também um estudo mais inteligente da personalidade do outro, de modo a prevenir dissabores: o amor protege-se muito mais facilmente quando vai ao encontro do outro compreendendo as razões do seu pensar e do seu agir.

■ A arte de comunicar

A arte de comunicar amando sabiamente, é a aprendizagem principal para os cônjuges no curso de suas vidas, um dever hermenêutico indelegável. Muitos conflitos poderiam ser resolvidos graças à compreensão da linguagem do outro, valorizando a intuição, a inteligência, o coração, bem como, os instrumentos cognitivos colocados à disposição pelas ciências humanas. É bom ficar atento ao risco de dar por consumada a compreensão do outro e a pretensão de pensá-lo à “nossa imagem”. Precisamente o fato de ser criado à imagem de Deus, o protege de toda pretensão de controle, de dominação e de instrumentalização. Esta alteridade nunca capturável em cada ser humano, incluindo o cônjuge, é um convite a sempre recomeçar, sem renunciar ao diálogo, sem dobrar-se zelosamente sobre os próprios modos de significar e pedir a disponibilidade ao confronto.

A paciência não se preocupa apenas com as ofensas importantes, as traições, os desrespeitos, mas também com a capacidade de tolerar os limites, as pequenas fixações, as decepções, as manias que o tempo talvez vá tornando insuportáveis. A paciência “se reforça quando reconheço que também o outro possui o direito de viver nesta terra, juntamente comigo, com o seu modo de ser. Não importa se ele constitui um desconforto para mim, a alterando os meus planos, me molestando com o seu modo de ser, ou com suas ideias; não importa se não for em tudo, como eu esperava que fosse. O amor comporta sempre um senso de profunda compaixão, que leva a aceitar o outro como parte deste mundo, também quando age de um modo diferente daquele que eu teria desejado”.

Enfim, o Papa acrescenta uma ulterior característica da paciência: *pode uma pessoa paciente ser passivamente inerte, ao infinito?* O Papa Francisco sublinha a força de uma paciência ativa, que espera e constrói enquanto espera esperançosa: “Paulo pretende esclarecer que a “paciência” nomeada em primeiro lugar, não é uma postura totalmente passiva, mas há de ser acompanhada por uma atividade, uma reação dinâmica e criativa, perante os outros. Indica que o amor beneficia e promove os outros. Por isso traduz-se em “prestativo!” (AL 93).

Não existe dom que valha a aprendizagem constante e ativa da arte de amar querendo o bem do outro, do jeito que ele é capaz de recebê-lo. O amor paciente sabe gastar-se e entregar-se ao outro, mas – o que ainda é mais importante – sabe retirar-se, se o dom não for apreciado, já que é o outro que decide a respeito da acolhida. Por isso sabe aceitar as rejeições e os fracassos: os obstáculos não rompem a aliança, mas ensinam a pedir e a esperar o sorriso do outro, tentando alguma iniciativa solidária que envie mensagens de retomada e cumplicidade.

Também para os esposos vale isto que Jesus pede para todos: «*Sede perfeitos como o vosso Pai que está nos céus, é perfeito*», porém, aí de quem prejudicar o outro em nome da perfeição divina; assim também: “*não há maior amor do que dar a vida por aqueles que ama*” (Jo. 15, 13), e aí também daqueles que pretendem sacrificar vidas humanas para outros seres humanos, embora merecedor.

A cada pessoa e a cada casal de esposos fica o dever de purificar a consciência de modo a alcançar o caminho certo do amor sábio e paciente a respeito das derivas dos polos opostos.

EM BUSCA # *Mulher*

Feminicídio

■ **Paolo Ondarza**

Paolo.ondarza@gmail.com

“Quantas mulheres sobrecarregadas pelo peso da vida e pelo drama da violência! O Senhor as quer livres e com dignidade plena”. Em um tweet publicado por ocasião da Jornada Internacional contra a violência sobre as mulheres, o Papa deu voz à preocupação da Igreja com todos aqueles casos em que a força física do homem tende a querer subjugar a mulher, desvirtuando a condição de reciprocidade entre os sexos, inscrita na ordem da criação. Esta cicatrização na ecologia humana alcança o seu

climax na passagem progressiva do *stalking* ao assassinio.

O drama do fenômeno conhecido na mídia com o neologismo *feminicídio* que, quase cotidianamente recheia as crônicas, requer uma releitura atenta de um crime que vê contrapostos, em uma relação insana, o homem e a mulher. Adverte-se com urgência, a necessidade do combate a esta chaga que tem, sem dúvida raízes culturais, e de compreender a fundo a atual crise ideológica do masculino e do feminino. Seria enganoso e prejudicial, confiar nas leituras ideológicas do fenômeno que propõem, como solução, uma luta aos estereótipos de gênero nos quais a prevaricação sobre a mulher é entendida como a máxima expressão da luta de classe marxista. É difícil fazer uma foto da violência sobre as mulheres no mundo. Dependendo dos contextos geográficos, de fato emergem caracteres diversos: violência psicológica, física, matrimônios forçados, mutilações genitais, aborto e/ou esterilizações forçadas, escravidão sexual e exploração procriativa. Na Europa, cerca de 13 milhões de mulheres são vítimas da violência. Embora na Itália o “risco de homicídios” esteja relativamente abaixo da média no Continente, nos primeiros seis meses de 2016 contaram-se 74 mulheres assassinadas pelos seus companheiros; o dado permanece alto e não pode ser subestimado. É preciso prevenir, dizem os especialistas, e encorajar as vítimas à denúncia “cada feminicídio é uma morte anunciada” explica Consuelo Corradi, reitora da Lumsa de Roma, e estudiosa da violência sobre a mulher. “Ele é precedido por episódios de *stalking* e violências físicas e verbais”. “Existe uma questão masculina, um vácuo de identidade seguido pela crise dos papéis tradicionais”. Segundo Tonino Cantelmi, presidente da Associação Italiana *Psicólogos e Psiquiatras Católicos* “assistimos a um curto-circuito do conflito relacional com homens frágeis e agressivos: é preciso uma prevenção e uma educação ao relacionamento, que tenha início desde a infância”. Que ideia do corpo constroem os nossos filhos – pergunta-se – muito bombardeados e com frequência, por imagens e estímulos eróticos explícitos? Cantelmi não compartilha a ideia de imposição de programas educativos inspirados na teoria gender, por ele assim

definidos: “formas ideológicas de endoutrinação”. O apelo é a uma nova educação à relação, na falta da qual, com a cumplicidade de adultos ausentes, corre-se o risco de abandonar a infância nas “relações interpessoais ou nos muito atraentes e invasivos videogames”, muitas vezes recheados de violência sexual. Também para **Therese Hargot**, jovem sexóloga de filósofa belga, autora do livro: “*Uma juventude sexualmente liberada (ou quase)*”, editado pela Sonzogno, “o problema é educativo”. Nós lhe perguntamos **se existe um nexo entre a pornografia alastrante, a sociedade altamente erotizada e a violência sobre as mulheres**. Eis como ela respondeu:

O consumo masculino da pornografia permite nutrir e encorajar o ideal de dominação do homem e a submissão da mulher, e impele depois, a reproduzi-lo na vida. A pornografia é muito consumida e produz humilhações às mulheres. O imenso problema é que a pornografia é consumida primeiro pelas crianças na sua infância, muitas vezes deixadas à mercê do smartphone ou do pc, fora da supervisão de um adulto. Esta violência parte do mundo virtual e termina por entrar com prepotência no que é real. Este é um problema enorme, hoje.

Homens que matam mulheres. Estamos diante de uma nova urgência.

Sim, notamos tanta violência contra as mulheres precisamente numa época em que falamos tanto de respeito, de diálogo, de igualdade e de discursos sobre a paridade. Como se esta violência fosse uma vingança feita contra as mulheres. Os homens precisam dominar, pois se sentem ameaçados no seu papel, no seu poder. Há também, muitas violências que são vividas no interno da intimidade conjugal, sexual; muitas vezes é um fenômeno escondido. O que se nota é que, estigmatizado na esfera pública, o relacionamento de dominação-submissão *reaflore* e se despeja na esfera íntima. É um paradoxo.

Como é possível prevenir estes homicídios e outros casos de violência doméstica?

Penso ser importante viver nos dias de hoje um feminismo inclusivo, que inclua os homens. Para não exacerbar este sentimento de violência nos homens, é preciso que compreendam que há uma vantagem quando

as mulheres alcançam um lugar na sociedade. Enquanto opusermos os homens e as mulheres numa espécie de guerra entre os sexos, cada mulher que é assassinada, é vítima dessa guerra. É preciso que desenvolvamos um feminismo de reconciliação com os homens. Queremos que a mudança da sociedade que buscamos, permita aos homens e às mulheres, se amarem mais. Por outro lado, esta contraposição é muitas vezes encorajada pela mídia, e as mulheres são suas primeiras vítimas.

Existe um vácuo de identidade masculina.

De fato, hoje assistimos visivelmente à crise da masculinidade. Os homens não sabem comportar-se com as mulheres: se escolhe o modelo do “bom menino” ou o do “macho”. Observo isso nos jovens e também no meu estúdio particular: os homens perderam a sua identidade. As mulheres se virilizam, desestabilizando os homens. As mulheres deveriam valorizar e acolher a sua feminilidade para permitir aos homens fazer o mesmo com sua virilidade. Cada um pode ser aquilo que é, sem competição.

O problema da violência sexual remonta a tempos bem mais distantes daqueles de hoje. Para muitos a solução está na luta contra os assim chamados estereótipos de gênero, luta esta conduzida na escola, nos meios de informação e em nível político. Parece-lhe eficaz esta estratégia?

Para dizer a verdade, falo pela França, os casos de violência estão aumentando pela introdução desta estratégia baseada nos programas gender-friendly. Na realidade, é preciso compreender em que nível de crescimento e de desenvolvimento da personalidade, especialmente infantil, está-se em contato com estes estereótipos de gênero. Explico-me: existe uma idade na qual estes estereótipos podem ser positivos e ajudar no desenvolvimento, no conhecimento da própria identidade sexual, e a relação com ela. Obviamente depois, em idade adulta, é bom libertar-se dos estereótipos negativos. O que quero dizer é que os estereótipos representam, na infância, códigos expressivos: as crianças utilizam, por exemplo, o travestir-se ou a imitação dos papéis adultos, para responder às suas perguntas existenciais. Querem saber se são dignos de amor e valorizados pelos seus

pais. Eles se travestem a partir do Spiderman ou da Elsa de Frozen... e isto não quer dizer que as crianças que brincam se der “donas de casa”, no futuro vão ser “anjos do lar”. Se não fornecemos portas de referência às crianças, elas irão buscar outras para si, e é provável que possam ir ao encontro de modelos violentos. O problema é que os adultos tratam as crianças como adultos e, sobre a questão dos estereótipos de gênero, impõem o seu ponto de vista: o contraste *tout court*.

Após o homicídio de uma mulher pela mão do parceiro ou do ex, às vezes os conhecedores comentam estupefatos: “era um casal tão bonito”. E a conclusão, em alguns casos, é: “muitas vezes os assassinos são homens insuspeitáveis, pais de família, tementes a Deus”. Não seria correto perguntar-se: “onde está a comunidade?”. O casal estava inserido numa rede social?

O que me perguntas é se a comunidade hoje está afastada dos acontecimentos do casal? Falta um interesse social dos vizinhos? Sim seguramente. A violência, porém, explica-se também por uma dinâmica doentia, vivida por muitos casais, que é a da fusão-simbiose. A fusão desde o princípio é muito confortável, mas produz infalivelmente, a destruição. Um casal que, de um modo ou de outro, é fechado em si mesmo, fechado ao externo, assume para si mesmo o risco da violência porque se priva do apoio da comunidade.

EM BUSCA *Focus*

No 140º do primeiro envio missionário

| Mike Loes, FMA – Gabriella Imperatore

maike@cgfma.org – gimperatore@cgfma.org

“Fazer memória de um passado fecundo de bem, fazer falar o passado para dar vida nova ao presente e projetar-se para o futuro. Viver com a mesma atitude de admiração e alegria das nossas primeiras missionárias, um sonho então realizado e que hoje se atualiza, é para nós um apelo a deixar-nos contagiar por um impulso

missionário novo, capaz de manter acesas a coragem e a alegria do anúncio evangélico. (Madre Yvonne Reungoat, Circ. 972).

À vigília dos 140 anos do primeiro envio missionário (1877-2017) a Madre Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, dirige-se às suas Filhas, dizendo: «*É necessário voltar às origens, à fonte do nosso carisma e redescobrir toda a sua riqueza. A nós cabe redescobrir aquele fogo que ardia no coração dessas primeiras missionárias, para viver o presente com senso de responsabilidade, e olhar o futuro com esperança*» (Circ. 972).

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco compartilha o seu sonho de uma Igreja “em saída”: «A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um enfeite que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros, da minha existência. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não quiser me destruir. *Eu sou uma missão nesta terra e para isso estou neste mundo*» (EG 273).

■ Na Igreja, o Instituto tem um rosto missionário

Na mente e no coração de Dom Bosco e de Madre Mazzarelli, o espírito missionário caracteriza o Instituto desde a sua Fundação (1872). Nasce contemporaneamente com o primeiro sonho missionário de Dom Bosco e por isso traz a marca, o entusiasmo e a clara intencionalidade missionária do Fundador. A comunidade Mornesina respira a plenos pulmões o espírito missionário que a orienta a testemunhar Jesus em todas as latitudes, sob todos os céus. Ir além dos limites conhecidos para encontrar novos povos e culturas, caracteriza o estilo das primeiras comunidades de FMA, desejosas de levar o anúncio mais surpreendente e perturbador: a ternura do amor de Deus. *E quais fronteiras alcançar? Quais fronteiras atravessar?* Os limites não são intransitáveis, as culturas e as religiões podem encontrar-se e dialogar, a paz é possível, o Deus que todos invocamos, é um Deus de paz, de amor e de ternura.

■ Memória fiel e profecia criativa

“De Mornese a cidadãos do Mundo”, no dia 14 de novembro de 1877 partia do Porto de Gênova, a primeira expedição missionária de jovens FMA, sob a guia de Ir. Ângela Vallese (23 anos). Antes da partida Madre Mazzarello

com duas neo-missionárias, acompanhadas por Dom Giovanni Cagliero, viveram o encontro com o Papa Pio IX que augurava às missionárias «*ser como as grandes conchas das fontes, que recebem a água e a derramam em prol de todos: conchas isto é de virtudes e de saberes, em favor dos seus semelhantes*».

As primeiras Irmãs missionárias com a bênção do Santo Padre e a proteção de Maria Auxiliadora, que tem nos braços um Menino sorridente, preparam-se para enfrentar a grande viagem.

Na manhã de 14 de novembro de 1877, Dom Bosco e Madre Mazzarello lá estão, no Porto de Gênova, para saudar, confortar e enxugar-lhes as lágrimas, que mal conseguem conter. As Irmãs partem com uma bagagem especial: muita fé em Deus, alegria para anunciar o amor de Jesus, humildade para acolher as novas culturas, disponibilidade para viver de sacrifícios, sabendo que, quando Deus pede, pede tudo! (Cronistória II, p. 276-291).

O único objetivo da expedição, é testemunhar com audácia e criatividade, em palavras e em atos, a ternura do Deus Amor.

“Lá não nos separaremos nunca mais”. Cartas da primeira FMA missionária pioneira na Patagônia e na Terra do Fogo, aos cuidados de Maria Vanda Penna, FMA – Roma, Instituto da FMA 2014. Lendo as cartas de Ir. Ângela Vallese colhe-se a concretude desta mulher humilde e apaixonada pelo Reino de Deus, que soube inculturar-se com simplicidade entre as pessoas daquelas terras distantes. «Nós não somos nem da América nem da Itália, a nossa casa encontra-se em toda parte». Ir. Ângela Vallese ama a todos com coração verdadeiro, e sempre convida a dirigir o olhar para a frente e para o alto, meta de cada caminho humano.

■ Ide...

Em 2005 teve início o **Projeto de Espiritualidade Missionária** (PEM) com o escopo de reavivar o fogo missionário das origens, redescobrimo o estilo das primeiras FMA missionárias, na “Mornese americana”. *Qual foi a marca que nos deixaram?*

«A **simplicidade de vida**. A simplicidade de vida Mornesina que tornava possível a familiaridade no trato, a aproximação e a espontaneidade (cf. *Cartas de Madre Mazzarello*). O estilo simples e fraterno lhes permite viver com alegria o trabalho feito de sacrifícios, e a pobreza dos inícios. Eu acredito que a simplicidade é uma herança preciosa. Quem visita Villa Colón afirma: “*Aqui pode-se ver que as primeiras Irmãs vieram de Mornese!*”.

Um forte **senso de pertença ao Instituto**, o amor a Dom Bosco e a Madre Mazzarello. É surpreendente constatar que, com os poucos meios daquele tempo, conseguiram permanecer fiéis ao carisma, inculturá-lo em nossa terra e transmiti-lo às novas gerações e aos jovens. Sim, os jovens do Uruguai, também hoje vibram com o carisma e com a espiritualidade mornesina: também eles se sentem “filhos e filhas” de Main. Não há dúvida de que o sentir-se “família” tornou-se possível pela presença de N. S. Auxiliadora, que traz nos braços o menino que sorri. As primeiras missionárias sempre tiveram a consciência do tesouro que tinham trazido para a América: a imagem benta por Dom Boco. A Ela se confiaram e, de Villa Colón, irradiaram o amor e a confiança em Maria Auxiliadora. Maria sempre as precedeu e ainda nos precede no caminho para anunciar Jesus e seu Evangelho.

O “**vado io**” repetia-se com naturalidade evangélica e, com aquele espírito de “disponibilidade missionária”, chegaram à nossa terra. O lenço que Ir. Giovanna Borgna havia colhido no navio, quando caiu das mãos trêmulas de Dom Bosco, no momento da partida, certamente é um sinal dessa disponibilidade à missão que o Santo inculcava em seus filhos e filhas. Souberam contagiar com aquela mesma paixão, as vocações uruguaias, que nasceram. Do Uruguai partiram jovens FMA para levar a Boa Nova às jovens do Brasil, da Terra do Fogo e do Paraguai... “Celebrar os 140 anos não é apenas uma glória, mas um empenho”.

“**Sair**”, como comunidade missionária, colocando a serviço talentos, criatividade, sabedoria e experiência para levar a mensagem da ternura de Deus à família humana: «A vida se reforça doando-a e se enfraquece no isolamento e na comodidade, [...] cresce e amadurece na medida em que a doamos para a vida dos outros» (EG n.10).



A voz dos jovens

A misericórdia tem um rosto jovem

Gabriella Imperatore

gimperatore@cgfma.org

Lembrar a experiência da Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia 2016, compartilhando emoções, reflexões e experiências, é um modo de manter vivo o precioso dom recebido, e para dar continuidade ao percurso realizado, que viu amadurecer convicções espirituais e crescer estupendos laços de amizade.

Somente os jovens podem com suas energias, vencer o terror e o ódio e, unindo-se, podem também ajudar os “grandes” a aprender deles. «Nós hoje temos necessidade de vós, para ensinar-nos a conviver na diversidade, no diálogo, no partilhar a multiculturalidade, não como uma ameaça, mas como uma oportunidade». (Papa Francisco, 30 de julho de 2016).

■ O rosto sempre jovem da misericórdia

Por ocasião da cerimônia de acolhida, no Parque de Blonia, o Sumo Pontífice, depois de ter definido a Polônia: o «rosto sempre jovem da Misericórdia», explicitou o particular liame que entrelaça misericórdia e juventude, manifestado também pela particular paixão que os jovens empregam na missão. A partir dessa consciência, trovejou contra a atitude de “quantos não vivem na plenitude a própria idade verdejante, comportando-se como pensionistas antes do tempo: jovens rendidos, tristes, entediados e, por isso, chatos”. Neste contexto, Francisco não hesitou em denunciar o perigo da busca da vertigem, subministrada por vendedores de falsas ilusões: vertigem alienante e a força da graça e da plenitude são descritas como alternativas opostas”. A missão que o Senhor assinala para os jovens é transformar-se em «uma resposta concreta às necessidades e aos sofrimentos da humanidade», a fim de que sejam «sinais do seu amor misericordioso».

Testemunho 1

«Uma das sortes que tive foi poder ficar hospedada, com outros jovens do grupo, por uma família que nos tratou realmente como filhos, e uma parte do meu coração estará sempre em terra polaca. Encontrei, nesta experiência, uma grande força que permaneceu, também ao voltar para casa; e, ao retomar a rotina, a fé que de um modo ou de outro reforcei, também não foi cancelada. Seguramente consegui superar muitos limites meus. Conhecer-se é já de per si transmitir ao outro o próprio testemunho de vida. Manter as relações vivas é a prova de que aquilo que se viveu durante a JMJ, não foi simples conveniência. A lembrança das risadas, dos gracejos, das canções inventadas, dos rostos das pessoas que apenas dez dias antes, eram completamente desconhecidos. Estranhos que se uniram, e que pouco a pouco entraram na vida, uns dos outros.

Eu senti que devia assumir o empenho de ser missionária da misericórdia, colocar-me ao lado de quem está na solidão, ter uma palavra de encorajamento para os jovens que procuram Deus e querem reforçar a sua fé, para imitar Jesus quando proclama: “Felizes os misericordiosos porque encontrarão misericórdia”» (Mariana Muñoz Saldarriaga, aluna da Escola de Magistério Superior Maria Auxiliadora de Copacabana, na Colômbia).

A única coisa que conta verdadeiramente, é crer em Jesus, segui-lo e imitá-lo, acolher toda a Verdade que nos revelou e comunicá-la, com obras e com palavras. O nosso interlocutor é Jesus; é a ele que respondemos, é ele que amamos. O mundo é o lugar aonde fazer chegar este amor. O Papa Francisco apela para as energias dos jovens a fim de ajudar os adultos a vencerem o ódio e o terror. O primeiro passo é o testemunho, o relato ao outro. Relatar a alegria daqueles dias, é transmitir a fé que envolvia a Polônia inteira. «Tende a coragem de viver a vossa fé e de dar sempre a vossa contribuição ativa e pessoal. Sede conscientes de que não estais sozinhos: muitíssimos são os jovens que, juntamente convosco, copnfiam em Jesus e dão o seu testemunho»

Seja como for, isso une todas as pessoas num grande abraço de fé. Tudo isso e mais

ainda, encontra-se no dom dos jovens que, juntos, viveram esta JMJ.

A beleza está nas pequenas e simples coisas, está nas alegrias, mas também, nas dificuldades, pequenas ou grandes que sejam, e é dever vivê-las com os tempos e com esperança.

Testemunho 2

«Os dias em Cracóvia, ricos de momentos e valores diversos, foram para mim inesquecíveis. A minha experiência na JMJ 2016 na Polônia, juntamente com muitíssimos jovens de diversas Nações, me fez cair na conta de como se vive o Carisma de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, com modalidades tão diversas. Uma coisa estupenda e nunca pensada! Escutei com atenção o Papa Francisco e acolhi o seu convite a guardar a Palavra de Deus na vida de cada dia» (Zulema Ortega, aluna da Escola de Magistério Superior Maria Auxiliadora, de Copacabana, na Colômbia).

■ Jovens caminhando com a História

O caminho continua concretamente não apenas olhando para a JMJ que se celebrará no Panamá em 2019, mas desde agora, com a celebração do próximo Sínodo dos Bispos que terá como tema: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Na carta endereçada aos jovens, o Papa Francisco, partindo precisamente da experiência de Cracóvia, lembra: «Um mundo melhor constrói-se também, graças a vós, à vossa vontade de mudança e à vossa generosidade. Não tenhais medo de escutar o Espírito que vos sugere escolhas audazes, não demoreis quando a consci-ência vos pede de arriscar para seguir o Mestre» (Papa Francisco, Carta aos jovens, 13 de janeiro de 2017).

Gratos ao Senhor por tudo quanto se recebeu, e fazendo tesouro dos dias transcorridos na JMJ de Cracóvia, continua-se a caminhar para crescer na fé e para construir um mundo melhor.

EM BUSCA *Polifonia*

Liderança e gestão

■ Anna Rita Cristaino

annarita.cristaino@gmail.com

A gestão é um tema que suscita interesse em diversos âmbitos da sociedade e que tem eco também na vida religiosa. Quando se fala a respeito dela, referimo-nos à habilidade e à arte de tornar as pessoas líderes, e à capacidade de coordenar processos com o objetivo de realizar a missão de um grupo estruturado, ou de uma organização. A palavra *gestão* está conquistando pouco a pouco, um horizonte de significado mais amplo, ao ponto de se tornar uma palavra-chave aplicável a diversas realidades.

Nos ambientes religiosos, às vezes, cai-se no equívoco de considerar a gestão como algo de específico às empresas comerciais. Deste modo, ela é vista somente como uma busca de lucros e sucesso, por conseguinte, algo que desconhece as pessoas. Na realidade, qualquer organização, seja ela com escopo de lucro ou não, consegue realizar a sua missão somente se souber exercer processos de gestão.

■ Os princípios da gestão

O que diferencia uma organização pastoral ou uma instituição do terceiro setor, de uma empresa com o escopo de lucro? Elas têm em comum uma série de ações semelhantes na gestão, mas "apenas a empresa comercial tem o empenho econômico como missão específica". O estudioso e economista **Peter Drucker** sustentava que os princípios da gestão profissional servem para qualquer organização, e os subdividiu em sete pontos, que podemos sintetizar: habilitar as pessoas a agir juntas, inserção na cultura, empenho em metas e valores compartilhados, aprendizagem constante, a comunicação e a assunção das responsabilidades, dar-se alguns critérios de performance, o resultado focalizado sobre o destinatário. A gestão profissional é muito mais do que administrar, prestar contas do dinheiro ou do patrimônio. É buscar o modo mais eficaz de conduzir a organização, para que ela realize a sua missão. Ela leva em conta as pessoas, a finalidade da instituição e os seus valores, os processos internos, e os que a organização oferece aos seus

interlocutores ou clientes, a relação com a sociedade.

Os princípios da gestão profissional:

1. A gestão trata dos seres humanos. A sua tarefa é tornar as pessoas capazes de trabalhar juntas, potencializar a própria força e reduzir as próprias fragilidades.

2. A gestão está inserida na cultura, tem o escopo de integrar as pessoas em uma empresa comum. Quem se ocupa da gestão desenvolve as mesmas ações em qualquer parte do mundo, e o modo de como pô-las em prática, pode ser muito diferente. O seu sucesso está condicionado à descoberta e identificação dos elementos da tradição, da história e da cultura do lugar onde agem, e utilizá-los como elementos constitutivos da própria gestão.

3. Toda organização requer uma mediação entre metas comuns e valores compartilhados, para alcançar objetivos simples, claros e unificadores. A primeira tarefa da gestão é pensar, clarear e simplificar os objetivos, os valores e as metas.

4. A boa gestão potencializa a organização e cada um dos seus membros, fazendo-os crescer adequando-se à mudança. Deste modo todos aprendem e ensinam, e é dada a possibilidade de desenvolvimento em todos os níveis.

5. A instituição baseia-se na comunicação e nas responsabilidades individuais. Para executar bem o próprio trabalho, os membros de uma instituição consideram e comunicam com clareza o que oferecem aos outros e o que recebem deles.

6. Como um ser humano, a organização necessita de diversos indicadores para conservar o seu estado de saúde. Para as empresas, por exemplo, valem os indicadores de posição no mercado, as inovações, a produtividade, o crescimento profissional do pessoal, a qualidade e os resultados financeiros. As instituições sem escopo de lucro, e as instituições religiosas criam instrumentos para avaliar o específico da própria missão. Assim, os diversos desempenhos devem ser medidos, avaliados, melhorados.

7. O resultado de uma instituição é externo a ela, faz-se referência aos usuários ou destinatários. O resultado de uma empresa é o cliente satisfeito, em um hospital é o paciente curado, em uma escola é o aluno

que aprende tudo aquilo que usará ao longo da vida.

■ A gestão nas instituições religiosas

A vida religiosa é mais do que a organização ou a instituição que ela administra, como as escolas, os hospitais, a mídia, as paróquias etc. A gestão ganha importância no momento em que se faz ponte entre o desejo e a realização, entre a proposta da missão e sua efetividade. Quanto mais plena de desafios e complexa for uma situação, tanto mais será necessário potencializar, organizar, empreender, executar, avaliar e aprender. Por isso é necessário desenvolver habilidades (saber fazer) e conhecimentos apropriados para obter resultados efetivos.

Em quem ocupa papéis de responsabilidade nos conselhos locais e inspetoriais, às vezes pode nascer a tentação de considerar os termos referentes à gestão das obras, como algo apenas para ecônomos e consultores. Chamam-se, então, especialistas aos quais se delega a avaliação de ações e processos a serem ativados. É importante, ao invés disso, que em cada nível haja a possibilidade de confronto e de reflexão feitas sob os diversos pontos de vista. Cada Congregação tem como alvo, formar os próprios quadros dirigentes também na perspectiva da gestão. E a pergunta vital que acompanha esta opção, é: *“Que modelo de gestão devemos adotar? A gestão está ao serviço daquele projeto de Igreja e de sociedade? Ela serve simplesmente para manter e desenvolver o que já existe, ou porá as condições para realizar novos sonhos?”*

Na equipe de animação e governo de determinadas congregações há perfis e formações profissionais distintas, porém compete a todos a dupla missão de animação religiosa e de coordenação organizativa. A imagem que geralmente se aplica às pessoas que animam processos de evangelização é a do *pastor* que sabe cuidar das pessoas, faz um caminho de fé juntamente com elas e abre para novas perspectivas de vida. A esta se deve acrescentar a do *gestor* que coordena processos de modo organizado, para obter resultados misuráveis, e assegura o bom êxito das ações postas em ato.

Se uma congregação opta manter e ampliar as suas iniciativas de prestação de

serviços, como escolas, oratórios, hospitais, casas-família, centros de acolhida, etc., é necessário organizar-se de forma profissional. Desenvolver competências de gestão, é uma necessidade inevitável. Ela é acompanhada pela espiritualidade e pelos valores da congregação, para manter a sua alma, identidade e finalidade última. Se o modelo de organização empresarial contamina a interioridade da vida religiosa, as suas motivações, o estilo de viver e conviver, então, corrói a base da identidade dos consagrados. É necessário, portanto, cultivar contemporaneamente competências profissionais, cultura da solidariedade, consciência ambiental e critérios evangélicos de discernimento.

Comunicar

Boa comunicação gera recursos

■ Maria Antonia Chinello
mac@cgfma.org

São múltiplos e variegados os instrumentos que se podem utilizar para comunicar eficazmente, dentro e fora de um grupo, de uma associação, de uma comunidade, de um centro educativo, de uma escola, de uma casa-família, etc. A finalidade de tais processos é reconstruir o ambiente comunicativo focalizando os pontos de força e de fraqueza, quanto à comunicação interna; de oportunidades e riscos, quanto à comunicação externa. Trata-se de determinar qual estratégia, quais ações e instrumentos podem gerar novos recursos para comunicar com eficácia e responder aos problemas, necessidades e questões dos nossos destinatários, também e sobretudo para valorizar e dar sentido e significado às mesmas pessoas que participam e ativam o processo de fazer conhecer, envolver, dialogar.

■ A comunicação generativa

São quatro as etapas para se projetar uma comunicação: a *busca*, ou estudar em profundidade o emissor, a organização, a instituição, a associação, a comunidade na sua *visão* e na sua *missão*, e os destinatários, isto é, o “público” ou “os públicos” aos quais se dirige, com os quais se interage e se entra em contato para caracterizar carências, capacidades competitivas, desafios futuros e oportunidades possíveis; a *programação*, a definição de uma estratégia comunicativa desenvolvida com objetivos e ações a partir das informações recolhidas na fase da busca; a *realização* ou colocar em ato o que foi programado, de acordo com os objetivos e as ações individuadas; a *avaliação*, isto é, a verificação dos resultados postos em confronto com os objetivos pré-fixados.

Estes quatro momentos não são distintos e autônomos. São vice-versa, componentes de um sistema cujas partes estão estreitamente entrelaçadas entre si, pelo que as fases de ideação, projeto, desenvolvimento, realização, monitoramento, interagem umas com as outras, gerando uma estratégia comunicativa interna e externa. Fala-se, por isso, de “comunicação generativa”, porque para gerir este processo é fundamental caracterizar todos os recursos humanos envolvidos, que estão na base do inteiro (re)projeto: Quem faz a coisa? Como? Com quais instrumentos? Quais conhecimentos, habilidades, disposições internas, competências são requeridas?

■ Os instrumentos

O primeiro passo para planejar a comunicação interna e externa é a análise dos instrumentos de comunicação utilizados e do *cruzamento midial* emergente da trama das relações e das interações que as ligam. A análise vai investigar a comunicação organizativa interna e a comunicação externa de uma empresa, de uma instituição ou de uma organização para compreender como é percebida a identidade comunicativa, qual é a reputação de que goza ou não. Não é somente um estudo preliminar, mas é um processo contínuo que se funde de maneira dinâmica com o desenvolvimento da estratégia de comunicação e planificação, para monitorar e verificar os resultados. Para fazer isso utilizam-se numerosos instrumentos:

* *Espaço*, enquanto ambiente projetado e construído pelas pessoas, assume as características de “lugar” carregado de significados; é um espaço simbólico, portanto, que favorece ou obstacula as relações e que comunica valores. É importante analisar a eficácia comunicativa de como é construído, pelas coisas e objetos que contém, a fim de avaliar como e qual tipo de relação se instauram com a *visão* e a *missão* da organização;

* *Identidade midial* de quem comunica, para evidenciar a sua reputação (também web!) que é detectada pelos testes, pelas ações comunicativas postas em ato;

* *Focus group*, *entrevistas*, *questionários* para escutar e confrontar, para aproveitar os conhecimentos possuídos por quem participa, valorizar os aportes como novos recursos úteis ao projeto de comunicação, para perceber os problemas, as necessidades, as demandas, conscientes ou não, dos destinatários caracterizados;

* *Observação participante* para descrever as ações de uma pessoa ou de um grupo a fim de compreender suas motivações e medir sua resposta a determinados ou prováveis input comunicativos;

* *Análises do contexto* político, econômico e sócio-cultural em que se entra para comunicar, a fim de orientar ao melhor possível o projeto e individualizar as relações, os recursos e os apoiadores a serem envolvidos no projeto;

* *‘Timeline’ de pessoas, compromissos e tempos*, um programa em que são estabelecidos vez por vez os objetivos, os papéis e as ações comunicativas que devem realizar todos os que estão envolvidos no projeto.

* *Gestão das reuniões*, um verbal que monitora e encaminha a atividade a ser gerida desde a definição da ordem do dia até a atuação das escolhas que são discutidas;

* *Monitoramento*, com a finalidade de verificar, encaminhar o processo generativo do qual se origina a estratégia de comunicação, e para avaliar o resultado final.

■ A comunicação como bem comum

De tudo o que foi exposto, destaca-se que a comunicação para qualquer instituição, associação ou grupo, é importante porque se

trata, em primeira instância, de transmitir os valores que têm como fundamento. Comunicar institucionalmente, então, é uma tarefa que cabe a todos, porquanto é o primeiro passo para colocar-se em relação com quem vive no contexto em que se trabalha, tanto pessoas quanto outras instituições, e para contribuir ao bem comum.

Não se podem separar a identidade de uma instituição e os seus valores do seu modo de se comunicar: o 'quem sou' deve estar em harmonia com 'que coisa', com as modalidades que assumo e escolho, com a finalidade pela qual faço a comunicação.

Com a palavra podemos tocar, fascinar, narrar, porém, com a prova dos fatos cada gesto e cada escolha nos define em nossa imagem e, a longo prazo, não é possível esconder a máscara que endossamos, porque deixa transparecer inevitavelmente aquilo que somos. Cada instituição é responsável pelas próprias ações diante da sociedade, e a "comunicação" deve ter bem presente esta responsabilidade.

Segundo alguns autores, existem três possíveis elementos – que nem sempre coincidem – na comunicação de uma instituição: «aquilo que a instituição é, aquilo que diz ser e aquilo que os outros percebem. Uma boa comunicação busca a harmonia entre os três elementos fazendo de modo que se identifiquem, e evitando que a imagem que se comunica não corresponda à realidade, ou que a instituição seja percebida de modo equívoco».

É útil projetar, realizar, avaliar, mas também, envolver as pessoas para que seja gerida uma comunicação que seja como o *bom Pão de cada dia*: quanto mais fresco, mais faz bem e, porque, como diz Jesus, «pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se talvez uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?».

COMUNICAR *Cinema*

Wonder Women

de Patty Jenkins

Palma Lionett

palmalionetti@gmail.com

Tempos de heróis, estes, ao menos no cinema! E os heróis são sempre menos homens e mais mulheres, portadoras de poder e de um "heroísmo" diferente.

O filme do Super-herói ou o Super-herói do fime já é uma das tendências cinematográficas dos últimos anos que continua a desbancar, não apenas por uma exigência do público, mas também por um desafio cinematográfico e industrial entre dois rivais de sempre: de um lado a Marvel com a Disney, e do outro a DC Comics com a Warner Bros. E é precisamente esta mais recente que, após as últimas versões um pouco sombrias do Superman e do Batman, lançou-se num registro rosa, reeditando Wonder Woman, a amazona com os superpoderes e o rosto da belíssima atriz e modelo israelita, Gal Gadot.

■ Os super-heróis

O universo dos Super-heróis homens abriu espaço, neste verão cinematográfico, a **Wonder Woman**, uma colega mulher, bela inteligente, irônica, mas também vulnerável e sensível, capaz de emocionar e de emocionar-se, capaz, até mesmo de enamorar-se. Um amor que está longe de ser patético! Decidida a salvar o mundo da catástrofe, a princesa das Amazonas, Diana, abandona a sua terra e se transforma em Wonder Woman. Será a sua profunda fé no amor que a fará enfrentar o combate contra Ares, o deus da guerra, aquele malvado que corrompe os homens e orquestra as suas ações destrutivas.

Hollywood parece ter descoberto que é possível rodar filmes de alto custo, que não partam de pressupostos masculinos, mas que valorize a novidade de um arco narrativo que segue tempos e raciocínios femininos! E nem por isso a história de amor deve ser aquela obrigação a ser cumprida para satisfazer o público feminino! Filmes, como o último, sobre Wonder Woman, demonstram que é possível partir da definição do personagem, onde também no caso de um super-herói a resolução não é apenas violência e finalizada na celebração-exaltação do corpo, mas que pode levar em

consideração também, desenvolvimentos diversos, confiada a uma direção feminina.

A diretora do filme, Patty Jenkins, disse: «Era, absolutamente, o momento propício para oferecer a história de Wonder Woman ao público cinematográfico. Os fãs esperavam este momento há tanto tempo, mas estou convencida de que a história apaixonará também quem não é precisamente um sequaz de Wonder Woman. Os super-heróis fizeram parte, da vida de muitos de nós; é aquela espécie de fantasia que nos faz dizer: *“Como seria se seu fosse assim tão poderosa e invencível, e se eu pudesse viver uma experiência tão excitante e realizar ações heróicas?”*».

Eu vi a série na TV e ela era tudo aquilo que uma jovem pode aspirar a se tornar: forte e gentil, sedutora e de estilo, poderosa e resoluta além de que, combativa como um homem. É a mulher forte que luta pelo amor, o perdão e a benevolência de um modo muito complicado. Para mim foi uma grande honra poder realizar um filme sobre uma super-heroína que acredita nos valores importantes. Cada super-herói tem os seus pontos fortes e acredito que a característica melhor de Wonder Woman seja a sua bondade de alma e sua gentileza. E esta não é uma negação de seu poder, mas ao contrário, o reforça!».

■ O personagem

A força do personagem está precisamente, como afirmou a própria protagonista Gal Gadot, na sua determinação e, ao mesmo tempo, naquela vulnerabilidade. Uma sensibilidade, uma confiança que sabe manobrar com a mesma desenvoltura com a qual usa o laço de ouro, o escudo e a espada. Não escondendo nunca inteligência e emoções.

Retomando um pensamento de João Paulo II, em sua Carta às Mulheres (1995), na qual aparece pela primeira vez a expressão: “gênio feminino”, poderíamos dizer que: «a feminilidade realiza o «humano» na relação com a masculinidade, com uma modulação diferente e complementar”. Ideia que parece sobressair no filme, no momento em que a princesa Diana, que se tornou Wonder Woman, se une, na luta contra o mal, com Steve Trevor (interpretado por Chris Pine), o aviador americano precipitado na praia da ilha das Amazonas, e com o qual foge num pequeno

barco a vela, encontrando-se em Londres no meio da segunda guerra mundial. É aqui que descobre ser dotada de extraordinários poderes, precisamente aqueles poderes que a rainha Hipólita, sua mãe, havia procurado esconder dela, para evitar que Diana soubesse a verdade sobre os poderes dos quais era dotada e que se lançasse para salvar o gênero humano da batalha contra o malvado Ares.

A reposta de Diana é aquela que toda filha gostaria de dar à própria mãe quando esta última, por afeto, a devesse reter: *«Eu vou, mãe, não estarei aqui para ver a perda de vidas inocentes; se ninguém vai defender o mundo das investidas de Ares, cabe Amim fazê-lo... devo ir!»*.

A esta altura começa a luta corpo a corpo com o mal que, dificilmente se torna reconhecível, pelo que, desmascará-lo torna-se uma verdadeira empresa, precisamente quando parece quase não conseguir, será o coração que bate sob a sua couraça de guerreira e Amazona, que a faz desencadear sua força no duro combate, saindo vencedora.

Atenção, porém, não se trata daquele amor patético que torna a mulher prisioneira, embora heroína, daquele «eu te salvarei» do príncipe azul de turno. É com convicção profunda, amadurecida pouco a pouco, que a consciência da sua identidade e da sua missão se revelam a Diana, enquanto ela mesma assume as responsabilidades que estas comportam..

Então? *We are all Wonder Woman?* Certo que não! As nossas feridas não se curam assim tão depressa como as da nossa super-heroína, o nosso corpo poderia escorregar num colete semelhante, apenas na mais férvida imaginação. Já, os cabelos, para mulheres comuns, não permanecem assim vaporosos e não voltam a se assentar depois de termos feito a nossa corrida supersônica entre casa e trabalho.

Todavia, também para nós Deus, um pouco como Zeus, permanecendo na metáfora, nos criou para que fôssemos um pouco *Amazonas*, uma ponte para a maior compreensão entre os homens, dotadas de uma grande força que sabe conviver com a mais frágil das vulnerabilidades, protetoras do gênero humano por meio do poder gentil do cuidado e da ternura, capazes de solidariedade feminina e daquela nobre arte

do transferir, adestrando ao combate pela vida.

Não seremos todas Wonder Woman... no entanto, se existe uma certeza nas mulheres, é esta: acreditar que o Amor salvará o mundo!

■ A trama do filme

Diana é a única filha de Hipólita, rainha das Amazonas. Tendo crescido na ilha paradisíaca oferecida ao seu povo por Zeus, e escondida aos olhos e aos radares, por um véu mágico, sonha tornar-se uma grande guerreira e se faz adestrar pela mais forte das Amazonas, a tia Antíope.

Mas a força de Diana, e o seu poder, ultrapassam os das companheiras. No dia em que um avião militar se precipita no seu mar, a jovem, já adulta, salva do afogamento, o major Steve Trevor. Descobre assim que existe um enorme conflito causado por Ares, o deus da guerra, que na mitologia da Dc Comics matou todos os deuses e corrompeu os homens criados bons por Júpiter, e decide partir com Steve para o front, onde está determinada a derrotar Ares e, assim, pôr fim à guerra, para sempre.

COMUNICAR *Literatura*

Não tereis o meu ódio

de Antoine Leiris

■ Emilia di Massimo

emiliadeimassimo@libero.it

Poderias ter sido um automobilista que se esquece de frear, um tumor um pouco mais maligno do que os outros ou uma bomba nuclear, a única coisa que conta é que ela não existe mais. As armas, as balas, a violência, não são senão o pano de fundo de uma cena: o que importa é a ausência.

Não tereis o meu ódio é o título de uma postagem no Facebook, de Antoine Leiris, parisiense: um jovem homem, um pai, um viúvo. No dia 13 de novembro de 2015, dois terroristas invadiram o teatro Bataclan, em Paris, disparando loucamente e provocando

um massacre. Entre as 89 vítimas estava também a esposa de Antoine, “o amor da minha vida”, a mãe de seu filho de 17 meses.

O livro é uma carta cheia de dor, mas não de desespero, porque nem mesmo o ódio é concedido às “almas mortas”. Poucos meses depois, Leiris diz que está conseguindo vencer o ódio: *“Desde novembro, certas coisas mudaram, Melvil cresceu e também eu com ele. Por algum tempo ficamos muito protegidos, agora queremos abrir-nos um pouco mais, ao mundo. Não queremos ceder ao ódio. As nossas vidas estão cheias de amor por Helena, e permanecem assim”*.

Se aquele Deus, em nome do qual matais, nos fez à sua imagem, cada projétil no corpo de minha mulher, terá sido uma ferida no seu coração.

Antoine Leiris não é absolutamente uma pessoa enamorada das belas palavras e dos bons sentimentos, não se perde nas frases exageradas e muito menos evoca um impossível perdão. A sua recusa de se deixar quiar pelo ódio não deriva da atração pelo belo gesto, mas, simplesmente do não dar poder aos terroristas, aos quais escreve: *“Ficamos em dois, meu filho e eu, mas somos mais fortes do que todos os exércitos do mundo. Não tenho outro tempo para dedicar-lhe, devo ir ter com Melvil que desperta do seu sono. Tem apenas 17 meses e fará a merenda como todos os dias e depois brincaremos juntos, e para o resto de sua vida este garotinho vos fará a afronta de ser livre e feliz. Porque não, vós nunca tereis nem mesmo o seu ódio”*.

As palavras de Antoine foram lidas, comentadas, amadas, em todo o mundo, comovendo muitíssimas pessoas, sobretudo porque *‘Não tereis o meu ódio’* é um relato íntimo, privado, no qual a dimensão política é quase inexistente, a não ser sob a forma de resistência, afirma Leiris: *“A minha resistência é uma resistência pessoal com as armas que tenho à disposição. Roubastes a vida de uma pessoa excepcional, no entanto não tereis o meu ódio. Se este Deus pelo qual cegamente matais nos fez à sua imagem, cada projétil no corpo de minha mulher terá sido uma ferida no seu coração. Por isso não vos farei o presente de odiar-vos. Seria ceder à mesma ignorância que fez*

de vós aquilo que sois. Vós gostaríeis que eu tivesse medo, que olhasse os meus concidadãos com desconfiança, que sacrificasse a minha liberdade pela segurança. Mas a vossa batalha é uma batalha perdida”.

O livro foi escrito sob a forma de um diário: o autor relata os dias vividos de 13 a 16 de novembro de 2015, data em que Antoine acompanha Melvil ao cemitério de Montmartre e depõe na tumba uma foto da mamãe, para fazer o menino compreender onde se encontra Helena. *A mãe está aqui*, uma frase simples à qual a criança responde expressando o desejo de ser tomado nos braços. O pai o abraça, na certeza de que Helena está com eles: *“Estamos em três. Estaremos sempre em três”.*

Neste breve romance. Nestas páginas transbordantes de comoção, tristeza e lembranças, há lugar apenas para ela, a sua Helena. E Antoine, por meio das palavras grita forte, mas grita pelo seu amor e pelo amor que tem ao menino, não pelo ódio, não com rancor, porque envenenar a alma e encher o coração de medo é exatamente o escopo de quem projeta esses massacres, uma satisfação que o autor escolhe não dar a eles.

As páginas escritas pelo autor são, um hino ao amor vivido como uma única realidade com a dor, são palavras que sinalizam o perdão sem falar dele nem defini-lo. Um texto formativo, diremos pedagógico, embora não tendo a pretensão de sê-lo, assim como um testemunho de paternidade responsável e de fidelidade conjugal, que tem raízes no céu. O livro é uma viagem no luto, é a sua elaboração mediante o amor, é a esperança de preservar dos terroristas, uma casa feita de perfumes e sorrisos, a casa de Antoine, Melvil e Helena.



Filhas da seda

de Annieli Schinkel

“A carta chegou em março: foi um milagre que tenha chegado, visto que era endereçada ao velho endereço de Colônia, onde não moramos mais de treze anos. O Estado coreano oferece a possibilidade de trinta jovens adotados em todo o mundo, de visitar o seu País de origem e de familiarizar-se com sua cultura”.

Anneli, que há pouco tempo completara vinte e três anos, recebe uma carta em sua casa de Colônia, na Alemanha, em que é convidada – na qualidade de filha adotada – a visitar a Coreia do Sul para descobrir lugares, tradições e usos. Anneli é coreana e esteve sempre longe de sua Pátria nativa, adotada quando tinha apenas quatro meses, por uma família alemã, graças à mediação da associação *Terra dos Homens*.

Para ela, realiza-se um sonho, e assim, com as poucas notícias que tem à disposição, um nome dado pelas autoridades coreanas e uma data de nascimento aproximativa, decide aproveitar a ocasião para colocar-se à procura dos próprios pais. Uma busca que a leva, não somente a conhecer a incrível verdade do seu passado, mas também a encontrar uma família numerosa e ansiosa por reabraçá-la.

«O meu maior desejo era ver o rosto de minha mãe para ver se me parecia com ela»

A Schinkel enfrenta um tema pouco sondado pela narrativa, o da adoção e da integração do estrangeiro em um tecido social que não lhe pertence. Com um modo de escrever límpido, simples e com traços infantis, continua a atravessar o seu país nativo com toda a curiosidade e a paixão de um *outsider* e de um turista, com a emoção de quem se dessedenta numa outra cultura e com a esperança de poder fazer parte dela, de algum modo. O encontro com o passado a ela desconhecido, e com a mãe biológica, serão muito mais calorosos e intensos do que aqueles que Anneli jamais teria esperado, ao ponto de, ainda hoje, visitar regularmente os seus familiares, ouvi-los pelo telefone, renovando aquele sentimento de afeto instaurado naqueles trinta dias coreanos impossíveis de serem esquecidos, privados de rancor e de resquícios de ódio, e cheios daquele amor que uma filha pode experimentar por uma mãe natural, também

lá onde não se tenha compartilhado um percurso de crescimento. Um romance tocante, uma confissão feita de coração aberto, dotada de rara espontaneidade e serenidade, que se faz testemunha e dá testemunho daqueles laços, cortado talvez muito cedo, capazes de desabrochar em uma nova vida somente se conduzida pela força da tenacidade.

COMUNICAR *Música*

A tecnologia e a criatividade musical

■ **Mariano Diotto**
m.diotto@iusvre.it

A música é um dos campos artísticos em que a experiência e a inovação sempre estiveram entre os elementos operadores. Sem dúvida, a evolução da música tem caminhado com a evolução tecnológica dos instrumentos uma vez que foram criadas, nesses anos, novas possibilidades criativas.

Ao lado dos instrumentos musicais tradicionais, colocaram-se os primeiros geradores de sons eletrônicos, entre o final do século dezenove e os primeiros anos do século vinte, com intenções de pesquisa científica, no campo da física. Nasce assim o *telégrafo musical*, o *intonarumori*, o *telharmonium* (o antenado do órgão Hammond), o *choralcello* (órgão eletrônico híbrido, com dois teclados) e o *theremin* (o mais antigo instrumento musical conhecido, que não exige o contato físico do executor com o instrumento).

■ O theremin: inovação e eletrônica

O theremin é um dispositivo eletrônico composto de duas antenas postas sobre e ao lado de um recipiente, no qual está alojada

toda a eletrônica que permite ao instrumento produzir sons. O controle musical acontece afastando e aproximando as mãos, das antenas: com a superior (posicionada verticalmente) controla-se a altura do som; a lateral (posta horizontalmente) permite regular sua intensidade. O som produzido pode variar entre o de um violino e o vocal.

O instrumento é considerado muito difícil a ser tocado, porque é soado sem tocá-lo, portanto, sem referências visíveis à posição relativa das duas mãos. Foi inventado em 1919 pelo físico soviético **Lev Sergeevic Termen**. Enquanto fazia experiências em um laboratório de física com particulares dispositivos de sua invenção, percebeu que, em certas condições, produzia-se um apito que variava de frequência aproximando ou afastando a mão dos mesmos circuitos. Sendo também violoncelista, começou a apresentar este novo instrumento, que no início batizou com o nome de *heterófono*, nos círculos musicais que frequentava. Teve logo um grande sucesso, tanto que Lenin lhe propôs difundi-lo na Europa, organizando uma *tourneé* pelas maiores capitais europeias: Berlim, Londres e Paris. Em 1928 Termen chegou também a Nova York onde o instrumento foi apresentado a um restrito grupo de musicistas e industriais, entre os quais estavam também Arturo Toscanini, Henry Ford e os dirigentes da gravadora RCA que adquiriu para ele, os direitos de construção mas, o preço de venda muito alto, impediu-lhe a difusão em massa.

Ainda hoje é usado por diversos musicistas rock, mas está sendo redescoberto também no pop radiofônico. Dos Beach Boys aos Led Zeppelin, na América, dos Afterhours aos Baustelle, na Itália, o theremin é hoje um instrumento que constitui uma inovação criativa em algumas trilhas em que é inserido, mesmo se os usos mais famosos foram os realizados em 1983 por Michael Jackson para a celeberrima trilha *Thriller*, por Madonna em 2000, para o álbum *Music*, e por Jean Michel Jarre, nos seus concertos, em 2010.

■ A criatividade eletrônica a serviço da inclusão

O theremin é somente um exemplo de como uma inovação tecnológica pode mudar o mundo musical. Mas a criatividade leva também a realizar instrumentos que reproduzem sons graças a sofisticadíssimas

tecnologias que substituem o instrumento verdadeiro e próprio. É o que foi realizado na Grã Bretanha, próximo a Bristol, com a South-West open Youth Orquestra, composta inteiramente de jovens entre 11 e 25 anos, com graves deficiências. Em uma entrevista concedida pela BBC, na vigília do famoso concerto *BBC Music Day*, **George e Bradley**, dois jovens membros desta orquestra, ambos afetados por uma paralisia cerebral, contaram como a sua paixão pela música se transformou em realidade, graças a estes instrumentos que conseguem tocar e graças a sintetizadores e dispositivos que permitem a eles guiar as notas e trabalhar sobre a qualidade do som, com os olhos. George diz: «É a primeira vez que posso sustentar uma audição tocando um instrumento com os meus olhos que se movimentam para a direita e para a esquerda ou para baixo e para cima, afim de produzir uma música. Cada um deve fazer a música do próprio modo: movendo os olhos, a boca, os dedos e as mãos. Pode-se fazer música de diversos modos!».

Bradley afirma: «A deficiência não deveria nunca impedir alguém de gozar da música e de fazê-la, porque a música faz encontrar novas pessoas que amam a música».

Doug Bott, diretor musical da South-West Open Youth Orquestra afirma: «Acreditamos que os jovens musicistas deficientes possam radicalmente redefinir a ideia de Orquestra, enfrentando a desigualdade, inspirando novos instrumentos musicais e a criação de novas formas musicais no século 21».

A tecnologia utilizada chama-se *Eyegaze* e é constituída por um sistema de rastreamento monocular que permite a comunicação alfabética e a gestão de um computador, somente por meio do movimento da pupila. O sistema é produzido por uma empresa americana *LC Technologies* que, por primeira no mundo, em 1988 desenvolveu esta particular tecnologia que hoje permite a jovens deficientes poder tocar e integrar-se com outros jovens, em nome de uma grande paixão comum, que é a música. São esses tipos de inovação tecnológica que permitem à música, ainda hoje, desenvolver a criatividade e, sobretudo, fascinar e envolver os jovens em percursos inéditos.

Para aprofundar:

<http://openupmusic.org/>

COMUNICAR *Laboratório Imagem*

Na escola da imagem, para formar-se e formar

Caterina Cangia

sistemmet@thesistemmet.it

Podem as imagens fotográficas, instrumentos de forte impacto emotivo, mudar a sociedade? Ensinar as crianças e fotografar poderia ser uma ocasião para veicular, com o ensinamento de aspectos técnicos, também conteúdos formativos? É convicção difundida que combinar a fotografia com a pesquisa e a ação participada, é um instrumento educativo para o empoderamento de grupos de crianças e de adolescentes. A metodologia consiste em realizar fotos sobre uma particular temática a fim de discuti-la depois, em grupo, com a finalidade de apresentar propostas de mudança. A importância de discutir as fotos em grupo e de alargar as legendas, é o coração da atividade. Atribuir significados compartilhados, às imagens feitas, é um percurso a se tentar realizar.

■ Na prática, como?

Iniciamos perguntando aos adolescentes: “Vocês sonham em se tornar repórteres? E manifestamos, em seguida, com explícita convicção, o objetivo que temos em mente, que é comunicado, tanto no aspecto formativo, como no aspecto técnico. Para o aspecto formativo, tais palavras: “Eu desejo de vocês, crescimento na capacidade de ‘atenção’ aos outros, na capacidade de ‘comoção’ diante dos outros, na capacidade de ‘ação’ pelo bem dos outros. Crescendo deste modo serão sempre mais ‘próximo’, sensível e pleno de amor-caridade que se traduz em obras”, poderia ser um ótimo ponto de partida. Os adolescentes são capazes de grandes impulsos e de grandes gestos. Esperam de nós, motivações envolventes. Para o aspecto técnico, bastará nos lembrar

de que deve sempre haver uma ideia forte a guiar o disparo fotográfico; que antes de disparar uma foto, o fundo seja controlado; que se deve aproximar o mais possível do sujeito; que seja respeitada a regra dos *terços* e, à parte qualquer exceção; que a luz seja sabiamente controlada, e muitas outras pequenas recomendações.

■ O comando

Este poderia comportar, por exemplo, o pedido de apresentar vinte disparos para narrar a presença dos imigrantes no próprio bairro, e elencar o que fazem as paróquias vizinhas para ir ao seu encontro. Uma verdadeira e própria documentação jornalística que toca a atualidade e que move à ação. No fundo de toda atividade estaria presente a trama da parábola do Bom Samaritano. No contexto do laboratório de fotografias, nós “formamos”, lembrando aos adolescentes, as perguntas que dão sentido à atividade empreendida: *“Quem é o meu próximo? A quem devo amar como a mim mesmo? Os meus parentes? Os meus amigos? Os meus compatriotas? Os da minha religião?”*. Refletir juntos sobre o conceito de “próximo” trazendo a parábola evangélica para a atualidade das paróquias do nosso bairro. Isso nos levará, nós e os jovens, a realizar uma forte aliança.

“Não devo catalogar os outros para decidir quem é o meu próximo e quem não o é... Depende de mim ser ou não ser próximo da pessoa que encontro, e que precisa de ajuda, mesmo estranha ou talvez, hostil. Jesus repete a cada um de nós: *“Vai também tu, e faz o mesmo”*, faze-te próximo do irmão e da irmã, que vês com dificuldades. O Evangelho indica um estilo de vida cujo baricentro não somos nós mesmos, mas os outros com suas dificuldades, os outros que encontramos no nosso caminho, e que nos interpelam. E quando os outros não nos interpelam, alguma coisa no nosso coração, não funciona, algo no nosso coração, não é cristão”. Estas palavras do Papa Francisco não serão ditas apenas no início da atividade, mas serão lembradas e reforçadas continuamente, confrontando-as com o cotidiano e com a vivência dos jovens.

É boa coisa acompanhar o laboratório de fotografia formativa, com uma frase-slogan. O Papa Francisco, domingo, dia 10 de

agosto de 2016, no momento do Angelus, disse uma simples, verdadeira e intensa frase: «Deus está nos refugiados que todos queremos afastar». Poderíamos estampar num poster esta frase e pôr na entrada do Centro Juvenil, ou expô-la na sala de aula. Reconhecer Deus nos refugiados que todos queremos amandar embora, além de ser uma frase-guia para a realização dos disparos fotográficos pedidos, será uma frase exame-de-consciência cotidiano que escavará o coração dos adolescentes, que os fará refletir e, esperançosamente, agir como testemunhas.

Se pensamos em pedir 20 disparos finais, devemos encorajar os adolscentes a fazer centenas de disparos fotográficos para selecionar depois, com o máximo cuidado, os melhores em nível de composição e de conteúdo. Atribuir legendas a cada foto, depois de uma discussão empenhada, leva os adolescentes a afinar a sua capacidade de argumentação na defesa de um ponto de vista

Também com as crianças da escola primária, é possível fazer adquirir habilidades de cidadania ativa, por meio do empenho de realizar fotos sobre temas formativos sociais e religiosos. Será fácil trabalhar no período que prepara o Natal, para fazê-los refletir sobre o seu verdadeiro significado. As crianças sabem cultivar o olhar interior melhor que os adultos. Só que precisam de quem os guie. Precisam de nós, talvez com a máquina fotográfica na mão.



Uma iniciativa a ser conhecida é o Photo voice

Por meio da combinação de fotos, reflexões e discussões, pode-se ativar os membros de uma comunidade na identificação dos seus pontos de vista, utilizados como alavancas para a mudança. É uma metodologia participada de busca-ação. Está ilustrada, com suas implicações psicológicas e sociais, no volume de Pamela Mastrilli, Roberta Nicosia, Massimo Santinello, *Photovoice. do disparo fotográfico à ação, social*, BolognaFrancoAngeli, 2013.

Grandes temas para grandes reportagens

Para inspirar-nos e fazer os adolescentes se inspirar, visitamos os sites das grandes reportagens que tratam de temas empenhativos como os direitos humanos e os direitos das crianças:

- Agência para os Refugiados UNHCR das Nações Unidas tem os seus álbuns fotográficos no endereço: <https://www.flickr.com/photos/unhcr/>
- UNICEF, no endereço: <https://unicef.org/>

Formar-se sempre, realmente e virtualmente

Por que não criar um blog para acolher as reflexões que emergem, à medida em que os adolescentes desenvolvem suas “tarefas”, levando adiante em paralelo, os aspectos formativos e os técnicos? Continuar-se-ia a dialogar de maneira virtual sobre temas formativos para o grupo e, num certo sentido, por meio das fotos, das legendas e dos comentários, o blog irradiaria pensamentos positivos também aos visitantes que passam pela web.

Inimigos à vista!

Caras amigas

Há dois dias, em uma bela jornada de Retiro, o Sacerdote falou do tema da paz. Uma bela prédica, eu vos asseguro, daquelas que ajudam a projetar-se nos grandes problemas que afligem a humanidade sofrida e esmagada por quem detém inadequadamente o poder, para decidir sobre o seu destino.

Realmente, uma bela prédica, emocionante e comovente, enquanto o pregador não pronunciou a frase profética que fez trepidar o meu belo castelo de sentimentos: “Cada guerra, Irmãs, começa no coração do homem e finca suas raízes na profundidade de cada um de nós”. E ali, minhas queridas, eu vi o mundo em colapso!

Em suma, quero dizer, é evidente que o Padre estava com a verdade porque, pensando bem, as razões de cada conflito se aninham dentro de cada um de nós ou, pelo menos, de mim. Explico-me: a partir do que cada conflito faz caminho? Da defesa do próprio território. Existe um espaço que cada um de nós retém para si, a pertença, e que é cuidadosamente marcado por preciosos limites, que ninguém tem o direito de violar; no mesmo momento em que percebemos que alguém ultrapassou os limites, nos sentimos atacados e, na tentativa de defender-nos, nos rebelamos.

Presidimos os limites das nossas terras, como preocupados guardiões dos próprios haveres, mais do que as proféticas sentinelas da madrugada. Delimitamos com atenção a área em que nos movemos e, tudo o que aparece ao

nosso olhar vigilante como uma ultrapassagem, uma invasão ou também, simplesmente, uma aproximação das fronteiras que conquistamos sozinhos, é considerado uma ameaça à reserva em que encontramos refúgio.

E são tantas as margens da nossa vida cotidiana: ofícios dados pela obediência, instrumentos sofisticados com os quais se trabalha, livros indispensáveis e preciosos para as nossas sagradas leituras, os jovens e leigos com os quais travamos relações pastorais únicas e absolutamente eficazes... Em suma, uma infinidade de coisas, espaços, momentos e pessoas a serem salvaguardadas das intrusões alheias: custe o que custar!

Então, eu me digo: experimente a necessidade de se defender dos presumíveis inimigos, mas em nossa comunidade quais são os verdadeiros inimigos a serem combatidos?

«Podemos derrubar os muros e construir pontes», lembra o Papa Francisco aos homens de governo, e vale também para nós!

Palavras de C.



28 · 05 · 2017



A Revista **DA MIHI ANIMAS** é online. O convite é para navegar, criar e manter link eletrônicos, estabelecer conexões de pensamento e de troca com os leitores, FMA, Leigos e Jovens, Família Salesiana, para alargar a partilha e a inserção em rede, de conteúdos culturais.

Venha visitar...[www. rivistadma.org](http://www.rivistadma.org)



O código QR (Quick Response), aqui ao lado, te permitirá fornecer ao teu dispositivo móvel (smartphone ou tablet), diversas informações simplesmente enquadrando-o com a fotocâmara do teu dispositivo. Descarga l'App gratuita, enquadra e poderás compartilhar conosco muitos conteúdos extra.

www.rivistadma.org



**«A ternura é o amor que se faz próximo
e concreto».**

(Papa Francisco)

Nesta edição: Tradução dos textos para a Língua Portuguesa

Tradução: Ir. Maria Aparecida Nunes fma

Revisão: Ir. Maria Gazzetto fma

Inspetoria S.Catarina de Sena

São Paulo - Brasil